

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
INSTITUTO ECUMÊNICO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

ANA NERI NASCIMENTO DA SILVA

RITOS TERAPÊUTICOS: UMA ABORDAGEM DO SOFRIMENTO À RESILIÊNCIA
NA TERAPIA FAMILIAR SISTÊMICA

São Leopoldo

2007

ANA NERI NASCIMENTO DA SILVA

RITOS TERAPÊUTICOS: UMA ABORDAGEM DO SOFRIMENTO À RESILIÊNCIA NA
TERAPIA FAMILIAR

Dissertação de Mestrado Profissionalizante

Para obtenção do Grau de Mestre em
Teologia
Escola Superior de Teologia
Instituto Ecumênico de Pós-Graduação
Religião e Educação

Orientador: Oneide Bobsin

São Leopoldo
2007

DEDICATÓRIA

A Deus, por seu amor e cuidado.

A minha família de origem, porque me ensinou a ser resiliente.

Ao meu filho e marido, pela paciência e companheirismo.

Aos colegas da turma de Mestrado, pelas discussões intermináveis e estimulantes; em especial a Theresa, por seu apoio e amizade; à Marli, por suas caronas acolhedoras.

Aos professores, em especial à Gisela Streck, pela atenção e carinho.

Ao meu orientador, Oneide Bobsin, por sua paixão contagiante pelos ritos.

Aos colegas, terapeutas de família, com quem, eu tenho aprendido muito.

Aos meus amigos, que sempre me incentivaram, nos momentos difíceis.

Às famílias atendidas, pela possibilidade de crescer.

RESUMO

A dissertação analisa a utilização de rituais terapêuticos na Terapia familiar sistêmica, promovendo a resiliência em situações de sofrimento e crise. A primeira parte aborda os ritos dentro de uma perspectiva antropológica e psicossocial, enfocando a finalidade dos rituais na humanidade, como processo de reconhecimento e inserção do ser humano no grupo social. Aborda, também, os ritos familiares, suas funções e de que maneira os mitos construídos na família influenciam o surgimento do sofrimento. Ainda neste capítulo, é apresentada a terapia familiar sistêmica, a fim de compreender a utilização dos ritos terapêuticos, como técnica utilizada na terapia, principalmente para possibilitar a mudança no sistema terapêutico. A terapia familiar contribui com os estudos sobre o ciclo vital familiar, ajudando a conhecer e identificar as etapas do desenvolvimento, a fim de restaurar vínculos, rupturas e paralisações, que ocasionam surgimento de sintomas na família. A segunda parte analisa a resiliência familiar, tentando compreender como algumas pessoas, apesar de sofrerem enormes adversidades e traumas, adquirem força para vencer a crise, saindo mais fortalecidas. A fim de compreender em que contexto os ritos terapêuticos são aplicados, esta parte, ainda, nos apresenta quem é o terapeuta familiar sistêmico, suas crenças, convicções, seu universo pessoal e profissional. A terceira parte apresenta a pesquisa, realizada com terapeutas de família, onde foram investigadas as suas práticas, com rituais na terapia, assim como objetivo, avaliação e análise dos resultados terapêuticos. Foi analisado em quais etapas do ciclo vital, precisa-se de maior intervenção terapêutica através dos rituais, auxiliando a família a ultrapassar a fase cristalizada, proporcionando vivenciar um rito de passagem. Finaliza com análise dos rituais estudados, sob a perspectiva antropológica, compreendendo os três momentos de um rito: margem, separação e agregação. Os rituais são essenciais no desenvolvimento do ser humano, através deles, a sociedade reafirma seus valores, crenças e sua identidade, oferecendo oportunidade para expressão do individual e coletivo.

Palavras chaves: ritos, resiliência, terapia familiar sistêmica, ciclo vital.

Abstract

The dissertation analyses the use of therapeutic rites in systemic family therapy, promoting resilience in situations of suffering and crises. The first part approaches these rites from an anthropologic and psychosocial perspective, focusing in the finality of the rites in mankind as a process of recognition and insertion of the human being in the social cycle. Likewise, it approaches family rites; its functions and how the myths built in the family environment influence the appearance of suffering. Moreover, it is presented the systemic family therapy, in order to understand the use of therapeutic rites as a technique used in therapy, mainly to make a change possible in the therapeutic system.

Family therapy contributes with the studies of the family vital cycle, helping to be aware of and to identify the development stages, in order to restore bonds, ruptures and stops, which cause the appearance of symptoms in the family.

The second part analyses family resilience, trying to understand how some people, besides suffering enormous adversities and traumas, find power to beat the crises, ending stronger than they were before. In order to comprehend in which context the therapeutic rites are applied, this part also presents to us who is the systemic family therapist, his/her beliefs, his/her convictions, his/her personal and professional universe.

The third part presents the research performed with family therapists, where their procedures with rites in therapy were investigated as well as the objective, evaluation and analysis of the therapeutic results. It was analyzed in which stages of the vital cycle more therapeutic intervention is needed with the help of the rites, assisting the family to pass the crystallized stage, providing the experience of a rite of passage.

It ends with the analyses of the rites studied from an anthropologic perspective, including the three stages of a rite: margin, dissociation and aggregation.

The rites are essential in the development of the human being. By these, society reaffirms its values, beliefs and identity, offering an opportunity to the individual and the collective to express them.

Key words: rites, resilience, systemic family therapy, vital cycle.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1 RITOS: UMA ABORDAGEM ANTROPOLÓGICA E PSICOSSOCIAL.....	10
1.1 Ritos: Uma Visão Antropológica.....	10
1.2 Ritos Terapêuticos.....	15
1.3 Terapia Familiar Sistêmica e Ciclo Vital da Família.....	16
1.4 Mitos e Ritos Familiares.....	21
2 RESILIÊNCIA E SITUAÇÕES DE SOFRIMENTO NA TERAPIA FAMILIAR...26	26
2.1 Resiliência Familiar.....	26
2.2 Família Disfuncional e sintoma: o sofrimento na Terapia Familiar.....	33
2.3 O papel do terapeuta sistêmico.....	41
3 RITUAIS TERAPÊUTICOS: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	46
3.1 Metodologia da Pesquisa.....	46
3.2 Descrição de Rituais Terapêuticos.....	47
3.3 Objetivos dos Rituais Terapêuticos.....	50
3.4 O Ritual Terapêutico nas diferentes etapas do Ciclo Vital da Família.....	57
3.5 Influências e Mudanças no Processo Terapêutico após a utilização de Rituais....	59
3.6 A Relação entre rituais cotidianos e terapêuticos nas Famílias em Terapia.....	61
3.7 Análise dos rituais através de uma perspectiva antropológica.....	63
CONCLUSÃO.....	67
REFERÊNCIAS.....	71
APÊNDICE	74

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo cumprir uma exigência acadêmica, a fim de obter o título de Mestre em Teologia, com ênfase na Educação Comunitária com Infância e Juventude. O tema estudado é sobre a utilização de rituais terapêuticos na Terapia Familiar Sistêmica, promovendo a resiliência em situações de sofrimento e crise.

A escolha do tema ocorreu pelo fato de trabalhar como terapeuta familiar, com adultos e crianças, tendo a possibilidade de utilizar várias técnicas e intervenções terapêuticas, entre elas os rituais. Além disso, na tentativa de ajudar as famílias atendidas, interessei-me por um novo campo de pesquisa e intervenção: a resiliência, que vem sendo estudada sob vários aspectos, mas que neste trabalho será abordada dentro da família.

O trabalho é composto por três capítulos: o primeiro aborda os ritos dentro de uma perspectiva antropológica e psicossocial; o segundo faz uma discussão sobre resiliência e situações de sofrimento na terapia; o terceiro analisa a pesquisa realizada com terapeutas que utilizam ritos terapêuticos.

No primeiro capítulo foi apresentada uma discussão sobre os ritos na sociedade, qual a importância e necessidade do homem participar de rituais. Para isto foi utilizado o referencial

teórico de Rivière e Geertz, descrevendo as atividades religiosas e outras cerimônias que na história da humanidade são desenvolvidas para que o ser humano seja reconhecido no seu grupo, assim como os desejos e busca da felicidade.

Além disso, foram analisados os ritos familiares, suas funções e de que forma os mitos que são construídos nas famílias influenciam o surgimento de rótulos e cristalizam dificuldades. Os ritos terapêuticos surgem então, como uma proposta de descongelar e desativar os mitos destrutivos, para que a família, enfim possa se desenvolver. Ainda neste capítulo é abordado o paradigma da Teoria Sistêmica, para compreender em que contexto a Terapia Familiar atua, bem como a compreensão de sujeito inserido em vários subsistemas, participando de uma rede social e a circularidade nas intervenções terapêuticas. A Terapia Familiar contribui com os estudos sobre o ciclo vital familiar, demonstrando a importância de identificar qual etapa de desenvolvimento se encontra a família ao chegar à terapia, pois cada momento do ciclo apresenta novos desafios e mudanças que precisam ser absorvidas pelo sistema familiar, evitando um congelamento e paralisação através do surgimento de sintomas.

No segundo capítulo a resiliência familiar é discutida, utilizando Framo, que possui diversas pesquisas com indivíduos e famílias resilientes. Apresenta alguns pilares importantes que a família precisa desenvolver, fazendo das adversidades sofridas uma oportunidade, para sair da crise mais fortalecida. Quando se pensa na resiliência familiar, automaticamente nos voltamos para as famílias que sofrem, como objeto de estudo. Na terapia familiar o sofrimento e aparecimento de sintomas, podem ser compreendidos, dentro de definições de famílias disfuncionais, que não são simplesmente aquelas portadoras de problemas; mas que apresentam na sua estrutura, distorções na comunicação, fronteiras confusas, disputas pelo poder e falta de regras, precisando de renovação e intervenção dentro do sistema.

Este capítulo encerra apresentando quem é o terapeuta familiar sistêmico, o que pensa, suas crenças, suas técnicas, enfim o que permeia a construção de seu self, sua humanidade que lhe permite estar perto demais da família, e ao mesmo tempo cria mecanismos que lhe possibilite afastar-se quando necessário, para não ser tragado para dentro do sistema familiar. O que constitui seu universo pessoal e profissional que lhe deixa à vontade para propor rituais, como uma técnica que lhe ajuda a facilitar transições dentro do ciclo vital, quando este tem rupturas e situações paralisantes? Esta questão tentou ser respondida através da discussão de alguns terapeutas familiares sistêmicos, que utilizam suas vivências como ferramenta de trabalho.

O terceiro capítulo analisa a pesquisa realizada com 14 terapeutas de família, sobre a sua prática com rituais na terapia, assim como objetivos e avaliação dos resultados. Investigamos quais etapas do ciclo vital que precisam de maior intervenção terapêutica, neste caso, através de rituais. A pesquisa foi realizada através de um questionário com cinco perguntas, que foram analisadas, criando cinco temáticas: tipo de ritual terapêutico, objetivo do uso de rituais, a utilização nas etapas do ciclo vital, influências e mudanças no processo terapêutico após usar os ritos e relação entre a ausência de rituais cotidianos com a necessidade de rituais terapêuticos na terapia familiar. Além disso, os rituais foram analisados através de uma perspectiva antropológica, procurando compreender a sua relação entre o individual e coletivo, objetivando a confirmação no grupo social. Foi realizada uma análise, nos três momentos do rito, descritos por Genep: Separação, margem e agregação, procurando perceber a importância destes no processo de prescrição e aplicação do ritual terapêutico.

1. RITOS: UMA ABORDAGEM ANTROPOLÓGICA E PSICOSSOCIAL

1.1. Ritos: uma visão antropológica

O ser humano desde sua gestação necessita simbolizar, pois segundo os psicanalistas lacanianos: o sujeito é constituído pela linguagem. Quando a criança, ainda no útero é desejada, falada por seus pais, sua história está sendo inscrita e simbolizada. Esta história está inserida em uma rede de significados, que influenciam suas escolhas e trajetória. Durante seu desenvolvimento psicossocial, o indivíduo envolve-se em vários rituais, a fim de ser aceito e confirmado no seu contexto cultural; como o batismo, aniversários, entrada na faculdade, casamento e funeral.

Segundo Rivière¹, o ritual, quer seja político, religioso ou cotidiano, assume quase sempre o caráter de um comportamento cerimonial. Analisa que diversos tipos de comportamento, quando repetidos em alguns tipos de condutas humanas, também assumem um caráter de ritualismo. São citados os ritos, segundo algumas dicotomias: religioso/ mágico, positivo/ negativo, etc...

Os ritos encontram-se nas diversas expressões do sujeito na sociedade. Para Rivière² encontra-se a ritualidade na infância, através de numerosos microrrituais na vida diária da

¹ RIVIERE, Claude. **Os ritos profanos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. p. 26

² RIVIÈRE, 1996, p. 9

criança. Ao longo de todo desenvolvimento, inclusive na adolescência, estes rituais continuam manifestando-se nos grupos, na apresentação do corpo, alimentação, etc. O autor cita o ritual da refeição como uma necessidade de afirmar a identidade individual, dentro da identidade do grupo; assim como assinala este momento como uma oportunidade de aprendizado de papéis, dentro da família. Sendo assim, o autor define o rito como:

O rito é o conjunto de condutas individuais ou coletivas, relativamente codificadas com base corporal (verbal, gestual, postural), de caráter mais ou menos repetitivo, com forte carregamento simbólico[...]³

Rivière⁴ coloca que para escola francesa, o rito religioso pressupõe a ação de um poder sagrado convocado como tal, já o rito mágico pressupõe o poder automático, liberado de um objeto ou de uma palavra. Convivemos com as duas modalidades de ritos. Sendo que às vezes no meio popular estas práticas fundem-se, pois o indivíduo busca satisfazer seu objetivo imediatamente. Exemplo dessas práticas podemos ver nos templos de igrejas neopentecostais que utilizam os rituais e símbolos religiosos e populares, como promessa de conquistas, dentro de um tempo imediato, que atende a maneira de se obter os bens na sociedade capitalista.

Os símbolos religiosos oferecem a possibilidade de articular sentimentos, sensações e ajudam expressar emoções, na superação do sofrimento.

Podemos observar os ritos de cura dos Navajos, descrito por Geertz⁵.

Os Navajos têm cerca de sessenta cânticos diferentes para propósitos diferentes, mas pratica

³ RIVIÈRE, 1996, p 30

⁴ RIVIÈRE, 1996, p. 31

⁵ GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972. p. 120

mente todos eles são dedicados à remoção de alguma espécie de doença física ou mental. Um cântico é uma espécie de psicodrama religioso, no qual há três atores principais: o “cantor” ou curandeiro, o paciente e, como uma espécie de coro antifonal, a família e os amigos do paciente.[...]Existem três atos principais: uma purificação do paciente e da audiência;uma declaração, através de cantos repetitivos e manipulações rituais, do desejo de restaurar o bem-estar (“a harmonia”)do paciente; uma identificação do paciente com o Povo Sagrado e sua conseqüente “cura”.Os ritos de purificação envolvem o suor forçado, o vômito induzido e assim por diante, para expelir fisicamente a doença do paciente.Os cantos, que são inúmeros, consistem principalmente em frases simples optativas (“que o paciente fique bom,” “já estou me sentindo muito melhor”, etc.).Finalmente, a identificação do paciente com o Povo Sagrado em um de seus ambientes apropriados.O cantor coloca o paciente sobre a pintura,[...]fazem do assim o que é, em essência, uma identificação corporal do humano e do divino. [...] A doença sai através do suor, do vômito e de outros ritos de purificação; a saúde penetra quando o paciente Navajo toca, por intermédio do cantor, a pintura sagrada da areia.⁶

Segundo Geertz⁷, as atividades religiosas pressupõe de seus participantes, além do envolvimento, motivação, ou melhor, inclinação para executar determinados tipos de atos; pois, sem dúvida que as pessoas envolvidas em um culto, com chamada específica para solucionar determinado tipo de sofrimento, como, por exemplo, arrumar emprego ou reconstruir seu casamento, sabem qual a proposta e aderem a um objetivo coletivo.

Nesta busca infinita da humanidade pela felicidade, os símbolos carregam o significado de uma possível transição ou mudança para um estágio melhor; é neste momento que o ritual de levar um objeto à presença celestial adquire um significado simbólico de passagem, transformação ou renovação. É interessante que nestes momentos existe uma motivação coletiva, quase um transe. Segundo Rivière⁸ no transe as consciências individuais se deixam penetrar e anular pela consciência coletiva, recebendo valores, identidade e reconhecimento. O ritual também possibilita um marco entre o velho e o novo, a tristeza e a esperança, o medo e a coragem, a derrota e a vitória.

Os ritos estão inseridos em vários contextos da sociedade, refletindo um caráter de importância e valor, aproximando o sagrado e profano.“Da mesma forma que nem sempre é

⁶ GEErTZ, 1972, p.120

⁷ GEERTZ, 1972, p.111.

⁸ RIVIÈRE, Claude. **Os ritos profanos**.Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, p. 16.

possível discernir as fronteiras entre sagrado e profano, assim também não é fácil especificar se tal rito é religioso ou secular”.⁹

A dificuldade de se distinguir entre o sagrado e o profano parece ocorrer à medida que o sagrado está cada vez mais presente nas relações cotidianas, ou como discute Rivière, os ritos não religiosos mantêm relação com um sagrado moderno.

A sociedade utiliza rituais em vários momentos de transição e passagem no ciclo evolutivo do ser humano, como o nascimento, puberdade, casamento e morte. Ao analisar os ritos, Gennep¹⁰ destaca três períodos: Separação, margem e agregação. Os ritos de agregação permitem ao sujeito integrar-se ao seu grupo social, com objetivo de pertencimento e aceitação do novo; como exemplo, temos o rito de outorgar um nome à criança e o batismo cristão. Esta é a ritualização de uma necessidade de confirmação e pertença que não sendo efetuada atrapalhará o indivíduo ao longo de sua vida. Ainda segundo o autor, o período de margem compreende a transição entre os ritos de separação e preparação para agregação; como por exemplo, a cerimônia das freiras, onde o noviciado é marcado pela semi-reclusão até a reclusão completa, após a consagração. Os ritos de separação são aqueles, nos quais se corta alguma coisa ou separa-se alguém do convívio social, para preparar o rito de passagem. Podemos observar exemplos do período de separação, nos ritos da infância: o primeiro corte de cabelos ou o ato de vestir pela primeira vez.

Estes períodos nos ritos ocorrem de forma dinâmica, pois dentro da agregação pode também existir a separação, assim como o inverso é verdadeiro, ocorrendo de forma processual.

⁹ RIVIERE, 1996, p. 34.

¹⁰ GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 1978. p. 62, 68 e 92

Quando as pessoas fazem parte de uma crença religiosa e participam de ritos a fim de chegarem mais perto da presença de Deus, muitas vezes ao saírem da igreja, também buscam em simpatias, terapias ou em outros lugares, o mesmo efeito terapêutico ou curador para seu sofrimento. Percebe-se uma busca mágica para amenizar o sofrimento, nesse momento de fragilidade permite-se qualquer permuta, inclusive com Deus.

Rivière¹¹ discute a influência dos mitos sobre o desejo das pessoas. Fazendo com que busquem alcançar o ideal de felicidade colocado no imaginário social, influenciando por sua vez os rituais utilizados, tanto no campo sagrado ou profano. Podemos citar vários mitos idealizados na sociedade moderna: do sexo como libertador, da felicidade; do trabalho; da imortalidade, etc. Os mitos são sistemas de transmissão e de hierarquização das informações que estruturam as funções da memória e do esquecimento; estas informações são veiculadas pelos relatos feitos pelos avós aos seus netos, dos pais aos seus filhos.¹²

Parece que somos atravessados por nossos mitos passados; como eles são transmitidos? Por que precisamos mantê-los vivo? Nestas questões reside a importância de conhecermos nossa história familiar e da nossa comunidade, pois nos libertaremos de algumas amarras à medida que nos apropriarmos de nossas narrativas. “O sistema social conscientemente envolve as pessoas numa espiral de ação sem reflexão. Fazemos as coisas porque todos fazem, porque a mídia estimula e os padrões sociais aplaudem”.¹³

¹¹ RIVIÈRE, 1996, p. 37.

¹² MIERMONT, Jacques & colaboradores. **Dicionário de Terapias Familiares. Teoria e prática.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 387.

¹³ CUNHA, Maria Isabel da. **O professor universitário na transição de paradigmas.** Araraquara: JM Editora, 1998, p. 15.

Segundo Vilhena¹⁴, quem detém o comando dos ritos fundamentais que organizam a vida e fornecem conteúdos ao imaginário e consciência de um povo, detém também o poder sobre ele. A direção e controle dos rituais constituem poderosas forças de controle social.

Isto nos remete a pensar nos casos de filhos que saem de casa jovens ainda, mas sem aprovação dos pais, e que não conseguem ser independentes enquanto não retornarem e pedirem “benção” a estes pais. Embora a sociedade imponha a este jovem que ter sucesso e autonomia depende desta saída, sabemos que os rituais coletivos precisam ser confirmados na individualidade, neste caso, na família.

1.2 Ritos Terapêuticos

Os ritos terapêuticos aqui estudados referem-se aos ritos utilizados dentro da terapia familiar sistêmica, entendidos como um recurso técnico, que possibilita trabalhar e potencializar um processo que descongele alguma etapa do ciclo vital paralisada, por uma vivência desagradável. A terapia familiar utiliza técnicas que possam mobilizar nas pessoas envolvidas seus recursos internos, assim como do restante do sistema familiar, a fim de buscar melhor qualidade de vida através das mudanças nos padrões relacionais.

Os rituais em geral, inclusive os profanos vividos em família, quer estejam associados a situações primordiais, como as ligadas ao nascimento e à morte, quer situações do dia-a-dia como o jantar em casa, ou ainda em determinadas fases do ciclo vital, como os rituais iniciáticos dos adolescentes, podem ser vistos como situações grupais favoráveis ao reconhecimento de si mesmo e do outro.¹⁵

¹⁴ VILHENA, Maria Ângela. **Ritos: expressões e propriedades**. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 25

¹⁵ OLIVEIRA, Vera Barros. **Rituais e Brincadeiras**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. p. 108

A fim de situar os ritos terapêuticos dentro do contexto de terapia familiar, é importante conhecer o contexto, como surge e quais os princípios da terapia familiar sistêmica.

1.3 Terapia Familiar Sistêmica e Ciclo Vital da Família

Segundo Vasconcellos¹⁶, a terapia familiar surge a partir do trabalho desenvolvido com esquizofrênicos dentro de um hospital para doentes mentais, pois os médicos observavam alterações importantes na conduta dos pacientes, após visita familiar.

Existe uma história, cujo autor é desconhecido, embora seja contada em todos cursos de formação de terapeutas de família. A história, que se passa numa unidade psiquiátrica infantil e relata a visita das mães aos seus filhos. Mães muito carinhosas e afetivas, entretanto causando incríveis transtornos, tanto que começou a ser questionada sua validade de tais encontros. Era um fato que gerava curiosidade, porém sem explicações plausíveis. Como pessoas tão queridas, afetivas conseguiam prejudicar seus entes queridos?

A resposta surgiu de um simples acidente. Um dos médicos ficou trancado na ilha da enfermagem. Lá podia observar, mas não ouvir o texto da mãe amorosa. Qual não a sua surpresa, que o que viu foi uma visita extremamente hostil. Havia uma dupla mensagem. A comunicação verbal era uma e a digital outra totalmente diferente.

A observação da interação mães e pacientes, deu origem à teoria do duplo vínculo, para explicar as mensagens contraditórias e conflitivas. A família começou a ser vista mais do

¹⁶ VASCONCELLOS. In: FERRARINI, Adriane. **A construção social da terapia:** Uma experiência com Redes sociais e Grupos multifamiliares. Porto Alegre: Metrópole, 1998. p. 20

que um amontoado de pessoas; os estudiosos passaram a vê-la como uma totalidade, com suas próprias regras e objetivos, enfim um “sistema”.

Ferrarini¹⁷ realiza um debate epistemológico na Terapia Sistêmica, por entender que a terapia familiar está passando por mudanças rápidas e profundas, inseridas dentro de um contexto onde ocorrem transformações no campo da ciência e cultura. Acredita que deve nortear a prática terapêutica, como se vê o mundo, o que pensa, o que se deseja modificar e como intervir para isto.

Nesse sentido, terapeutas familiares vêem o mundo conforme os diferentes paradigmas. A terapia familiar é influenciada por dois grandes paradigmas: tradicional e contemporâneo. Segundo Ferrarini¹⁸ o paradigma tradicional surgiu trazendo a visão de mundo que coloca o dualismo entre sujeito e objeto, é um mundo regrado, de ordem e previsão. Neste sentido conhecer é saber manipular. Ao final do século passado ocorreu a transição paradigmática, com as descobertas da microfísica, de que os componentes não podem ser isolados, levando a impossibilidade de continuar com uma visão isolada e fragmentada dos objetos e seres¹⁹. Neste contexto surge a idéia de sistema, trazendo a tona noções de complexos, totalidades, mas ainda com a idéia tradicional de funcionamento perfeito e equilíbrio. Ferrarini cita como exemplo de terapia familiar sistêmica tradicional as duas escolas: estrutural e estratégica, centradas no reordenamento das estruturas do sistema familiar e em estratégias para este fim. Com o surgimento do novo paradigma, as idéias sistêmicas foram redefinidas para incorporar a nova desordem e complexidade, surge o sujeito como ativo, construindo o contexto

¹⁷ FERRARINI, 1998. p. 20

¹⁸ FERRARINI, 1998. p. 23

¹⁹ FERRARINI, 1998. p 24

que o constrói, ou seja, as construções da realidade não são apenas individuais; são também sociais, acontecem na interação social.

Barreto²⁰ coloca que toda organização humana pode ser compreendida como um sistema. Portanto, todo problema deve ser tratado, inserido dentro de um contexto, levando em consideração as três dimensões presentes em todo sistema: relações, contexto e processo. Ainda, segundo o autor, na abordagem sistêmica, substituímos a relação de causa-efeito linear pela “causalidade circular” ou circularidade. A causalidade é vista como um processo circular que tem mão dupla: uma vai e outra vem.²¹

Para Minuchin, além de ser um sistema²², a família é um grupo estruturado, onde a mudança em um membro afeta todos os outros. As técnicas tradicionais da saúde mental focaram a dinâmica individual, desconsiderando o contexto social no surgimento de doenças. A terapia familiar propôs o rompimento com esta fronteira.

Cada estágio que a família desenvolve traz novas exigências, forçando os membros da família a se acomodarem às novas necessidades, na medida que eles crescem ou envelhecem e as circunstâncias mudam. Já que as famílias são conservadoras, insistem em manter o familiar. Assim muitas vezes a tarefa da terapia é ajudar a família a reajustar-se às novas circunstâncias.²³

²⁰ BARRETO, Adalberto de Paula. **Terapia comunitária passo a passo**. Fortaleza: Gráfica LCR, 2005. p. 169

²¹ BARRETO, 2005. p. 183

²² Sistema vivo, organizado, com propriedades, como retroalimentação que permite troca com o externo a fim de manter equilíbrio. (BERTALANFFY, L. **Teoria Geral dos Sistemas**. Rio de Janeiro: Vozes, 1968.

²³ MINUCHIN, Salvador. **Famílias e funcionamento**. Porto Alegre: Artes Médica, 1990. p.42

O estresse familiar é maior nos pontos de transição de um estágio para o outro no processo de desenvolvimento da família, sendo que os sintomas tendem a aparecer mais quando há um deslocamento ou interrupção no ciclo de vida familiar.²⁴

Segundo Minuchin, a família elabora com o tempo suas pautas de interação, através de regras de funcionamento, que ao se repetirem formam os padrões transicionais e conseqüentemente sua estrutura. Como estas regras, muitas vezes, não são explícitas, acabam acontecendo expectativas e pactos inconscientes, por parte das pessoas, influenciando comportamentos no sistema familiar; quando ocorre algum desequilíbrio do sistema, porque algum membro rompeu com o estabelecido, aparecem conflitos de lealdade, despertando culpa em quem afetou a homeostase (equilíbrio familiar).

Existem muitos estudos sobre o ciclo vital da família, mas basicamente a família é composta pelas seguintes etapas, aqui estudadas com base nas experiências de terapeutas familiares com famílias americanas. O quadro a seguir, elaborado por McGoldrick & Carter²⁵ nos dá uma idéia a respeito dos estágios.

ESTÁGIOS DO CICLO VITAL DA FAMÍLIA

<p>1. Saindo de casa: jovens solteiros. O desafio desta etapa é aceitar a responsabilidade emocional e financeira pelo eu.</p>

²⁴ CARTER, Betty; McGOLDRICK, Mônica. **As mudanças no Ciclo de Vida Familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p. 16.

²⁵ CARTER & McGOLDRICK, 1995, p. 17.

2.O novo Casal: formar o casal marital, ganhando em pertencimento e compartilhando a intimidade.
3. Família com filhos pequenos: Aceitar novos membros, passagem do casal marital ao parental, adequar-se às mudanças.
4. Família com adolescentes: Desafio é aumentar a flexibilidade das fronteiras para incluir a independência dos filhos e fragilidade dos avós.
5. Lançando os filhos e seguindo em frente: Tarefa principal: renegociar o sistema conjugal como díade, aceitar várias saídas e entradas no sistema familiar.
6. Famílias no estágio tardio da vida: Aceitar a mudança dos papéis geracionais, manter os próprios interesses, lidar com perdas.

Algumas crises são previsíveis durante o desenvolvimento da família, como por exemplo: crescimento dos filhos e as mudanças nas fronteiras, outras já não são e contribuem para o estresse familiar, como: separações, mortes, mudanças de cidade, desemprego, adoção, doenças, etc. As crises são inerentes às mudanças, ocorrem como maneira de adaptação do indivíduo ao novo, mas o que diferencia de tornar-se patológica é a paralisação diante dessa crise.

A terapia familiar atua como mediadora dos conflitos resultantes das dificuldades de ultrapassar estas etapas. Quando trabalhamos com famílias, nos ajuda muito conhecer em que momento do ciclo vital esta se encontra, embora a complexidade seja lidar com a individualidade e pertencimento de cada membro. Segundo McGoldrick & Carter²⁶ nos colocam, este ciclo vital sofre variações conforme contexto cultural, histórico, sendo influenciado por questões de gênero e raça.

²⁶ CARTER & MCGOLDRICK, 1995. p. 16

Existem outros autores que propõe as etapas do Ciclo Vital com outra distribuição, como, por exemplo, Cerveny²⁷; descreve quatro fases: Fase da Aquisição; Fase Adolescente; Fase Madura e Fase Última. A autora caracteriza estas da seguinte maneira: Na fase de Aquisição acontece a formação do casal, nascimento dos filhos, com a chegada destes, precisam ocorrer novas formas de relacionamento do casal parental e conjugal; adoção de novos papéis e reorganização do sistema para adaptarem-se às novas exigências.

A fase Adolescente abrange o relacionamento entre pais e filhos, na tentativa de buscar autonomia, desenvolver confiança e inaugurar uma fase de profundas mudanças; onde os valores, crenças e regras serão questionados pelos filhos. Ao mesmo tempo em que os adolescentes estão em fase de transição e mudança para fase adulta, os pais estão vivenciando também uma crise do “meio da vida”, ou seja, revendo experiências passadas e reavaliando suas vidas²⁸. Além disso, uma outra mudança importante é a necessidade de flexibilizar o sistema familiar na fase de filhos adolescentes, pois as crianças na fase anterior precisavam ser superprotegidas e os limites eram mais sistemáticos, mas ao chegar na adolescência os pais necessitam dar maior espaço para que a autonomia desenvolva-se.

A Fase Madura é acompanhada do amadurecimento e autonomia dos filhos, ao tornarem-se adultos formam outras famílias, saem de casa, portanto, a família aumenta com a entrada de novos membros e também diminui com o início das perdas de outros. Em face de tais modificações a família adquire novas formas de funcionamento, novos desafios e novas expectativas.

²⁷ CERVENY, Maria & BERTHOUD, Cristiana. **Visitando a Família ao longo do Ciclo Vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p. 13

²⁸ CERVENY & BERTHOUD, 2002, p. 21-27.

A autora descreve a Fase Última com características de fechamento do ciclo, é uma fase de retrospectiva, lembrança dos ausentes, onde o idoso pode se deparar diante da solidão ou lidar com o processo de envelhecimento, aliando qualidade de vida, quando conseguiu preparar-se para isto. É uma fase de cuidados, principalmente físicos e afetivos; além da revisão constante dos valores que sofreram modificações com o tempo.

1.4. Mitos e Ritos Familiares

A fim de compreendermos melhor com que objetivos os ritos serão utilizados dentro da terapia familiar, é importante lidarmos com variáveis que fazem parte da estrutura familiar e que as pessoas estão constantemente buscando, como por exemplo: comunicação, afeto, poder, hierarquia, limites, respeito, herança familiar (mitos) e respeito.

Queiramos ou não todos somos atravessados por uma cruz. A haste vertical representa o que vivemos e foi transmitido pelos nossos pais, avós, bisavós: os mitos, tabus, segredos, lealdades, valores, crenças e, principalmente, história que vivenciamos e partilhamos. A haste horizontal representa a história que estamos construindo, no momento atual, seja nas relações profissionais, sociais e amorosas, seja na família que constituímos.²⁹

Os mitos atravessam o imaginário familiar, carregando mandatos e missões, muitas vezes, difícil de serem executados por parte dos membros do sistema familiar. Às vezes estes mitos são inconscientes, levando a um aprisionamento e sofrimento. Na terapia familiar buscamos desvendá-los a fim de liberarmos as pessoas encarregadas de cumpri-los.

²⁹ GROISMAN, Moisés. **A Família é Deus**: descubra como sua família define quem você é. Rio de Janeiro: Eldorado: Núcleo-Pesquisas, 2000.p.19.

Os mitos exercem efeitos de profecia auto-realizadora sobre as ações dos indivíduos, sendo que são confirmados, legitimados e mantidos por grupos sociais³⁰.

Segundo Krom³¹ alguns conteúdos colaboram na perpetuação dos mitos, como as lealdades invisíveis, onde algumas realizações ocorrem conforme expectativa direcionada a uma pessoa específica, que vai fazer de tudo para levar adiante esta tarefa, por exemplo, em uma família tradicional de médicos, alguns dos jovens tentarão perpetuar a profissão. Quem romper com esta aliança de lealdade, está sujeito a ser excluído do grupo familiar. Ainda segundo a autora, os mitos podem ser construtivos ou desorganizadores para família, na medida que ocasionam o aumento do estresse e ansiedade, levando a rupturas ou possibilitam a união e pertencimento. Além disso, algumas famílias contam com os guardiões dos mitos familiares, as figuras que perpetuam o legado familiar, como por exemplo, ao morrer o pai da família, alguém assume o mesmo papel.

Krom³² analisa alguns mitos, que apenas serão citados aqui: Mito do Trabalho, da Propriedade, da Conquista, da Religião, da União, da Autoridade, da Loucura e Doença, etc.

Ao compreendermos a importância dos mitos na família, poderemos entender a necessidade de ritualizar, tecendo laços temporais, que se lançam para o passado e para o futuro, mas que se ancoram no presente³³.

Os rituais presentes na família auxiliam o indivíduo desde criança a captar através de uma linguagem verbal e não verbal, incorporar atitudes e afetos da sua família, por exemplo, nas

³⁰ GOMES, Denise. **Relações entre mitos religiosos e mitos familiares.** In: Grandesso, Marilene (Org). **Terapia e Justiça social: respostas éticas a questões de dor em terapia.** São Paulo: APTF: 2001.p.90-98.

³¹ KROM, Marilene. **Os mitos familiares como o sentido na família: Uma leitura instrumental mítica.** In: Grandesso, Marilene (Org). **Terapia e Justiça Social: respostas éticas a questões de dor em terapia.** São Paulo: APTF: 2001. p. 74- 89.

³² KROM, 2001, p.81.

³³ OLIVEIRA, Vera. 2006, p.150.

festas de aniversário, existe algo implícito sobre os afetos e trocas de determinada família. Quando a criança ingressa na escola e passa a conviver com outras realidades e culturas, muitas vezes volta para casa e questiona o sentido de alguns rituais, ou ausência destes, por exemplo: uma paciente de 15 anos em terapia apresenta dificuldades de relacionamento com seus colegas, pois na sua religião, entende que não pode comemorar os aniversários, causando conflitos de integração no seu grupo de iguais.

A autora³⁴ cita também o ritual da morte carregado de simbolismo universal, representando mudanças e luto diante de uma perda. Sabemos o quanto é importante para criança e adulto, despedir-se de alguém amado que morre. Este ritual exige choro e despedida, por isto muitas vezes é necessário reconstituir a cena da morte, para que alguém possa se despedir e “enterrar” o morto.

Entendemos que, no Ocidente, esse mecanismo de isolar a morte da vida é amplamente reforçado pela abolição da maior parte dos ritos. O desejo de sobreviver muitas vezes surge para disfarçar a perda e a dor.[...] Não-ditos que se tornam mal-ditos, adoecendo o sistema.³⁵

Gimeno³⁶ analisa o conceito e significado simbólico do ritual, colocando que estes diferem na duração, frequência e flexibilidade. Quando um grupo social muda de valores, os rituais deixam de ter um significado partilhado[...], tornam-se vazios³⁷. Novos valores e crenças levam, por sua vez, à criação de novos rituais.

O ritual é um acto simbólico, ou seja, uma série de actos simbólicos, que se devem desenvolver de uma determinada forma e que costumam estar acompanhados de fórmulas verbais. (Van der Hart, 1983). O ritual não é um mero ato formal [...] vai

³⁴ OLIVEIRA, Vera. 2006, p.127.

³⁵ GIMENO, Adelina. **A Família, o desafio da diversidade**. São Paulo: Instituto Piaget, Coleção Epistemologia e Sociedade, 2003. p. 178

³⁶ GIMENO, Adelina. 2003, p. 180.

³⁷ GIMENO, Adelina. 2003, p. 180

além da realidade cotidiana com o fim de o tornar especial e dotar de um conteúdo que transcenda a sua relevância.³⁸

A autora coloca a função do ritual como sendo de fortalecer a identidade familiar, citando Turner que apresenta o uso dos rituais como facilitadores de mudanças, em especial no caso dos ritos de transição. Não se deve esquecer que a família passa por muitas modificações, além do desenvolvimento individual de cada membro. Por exemplo, um adolescente pode chegar à idade cronológica, buscando autonomia, em um momento que sua mãe fica viúva e precisa do apoio deste, não querendo liberá-lo para sair com seus amigos e namorar. Podemos nos questionar, se esta família já estava preparada para a transição em relação à aquisição da autonomia do filho adolescente, ou talvez o estresse do luto dificulte a passagem, necessitando de ajuda para que o processo do crescimento do jovem ocorra. Os ritos de transição são facilitadores e cruciais em determinadas fases do desenvolvimento do ciclo familiar.

Gimeno³⁹ discute a dificuldade das transições da vida familiar, pelo caráter paradoxal da existência humana, onde as mudanças implicam em perdas e ganhos. Além disso, coloca os rituais como uma ponte entre o passado e futuro, com projeção no futuro. Quando as novas famílias configuram-se, alguns antigos rituais são abandonados, criando novos, representando a necessidade de ruptura e diferenciação da família de origem, embora as pessoas tenham mais satisfação em lembrar antigos rituais e tradições do que na ruptura. Torna-se importante realizar um enfoque terapêutico que possibilite um espaço para falar dessa transição, retomando acordos familiares pré-existentes e acomodando-os no presente, mas sem bani-los totalmente.

³⁸ GIMENO, Adelina. 2003. p. 180

³⁹ GIMENO, Adelina. 2003. p. 184

Outra função importante dos rituais é proporcionar a comunicação, pois o ritual sempre introduz uma temática, por exemplo: um pedido de casamento; um jantar de despedida, um presente como pedido de desculpa, um batismo que insere e fala da importância da religião naquela família, etc.

Se uma das funções do ritual é manter a identidade familiar, é importante analisar se está de acordo com os valores da sociedade e crenças dos seus membros, validando a inserção do grupo familiar no seu meio social. No filme, Casamento Grego, podemos observar o empenho da família da noiva em tornar o noivo o mais próximo possível da sua cultura, obrigando este a participar de todos rituais possíveis de confirmação, como uma prova de amor e lealdade; apesar das cenas engraçadas, podemos refletir sobre a angústia do noivo: será que ele realmente queria esquecer todas as suas crenças e costumes? Na nossa prática, observamos que os casamentos sobrevivem a várias adaptações ao longo de seu percurso, reunir culturas diferentes é sempre um desafio, assim como também conquistar espaço de individualidade e ganhar em pertencimento, ou melhor, não perder a própria identidade nesta aliança. Não é por acaso, que os contos de fadas sempre param no início do casamento: “e foram felizes para sempre”.

Gimeno⁴⁰ cita o fato de algumas famílias participarem ativamente dos rituais, enquanto para outras estes não são importantes, chegando a serem inexistentes rituais significativos, não significando falta de valores ou desvalorização da cultura da família, embora seja importante estar alerta, pois pode ser um sinalizador de patologia da família.

⁴⁰ GIMENO, Adelina. 2003. p. 196

2. RESILIÊNCIA E SITUAÇÕES DE SOFRIMENTO NA TERAPIA FAMILIAR

2.1. Resiliência Familiar

Segundo Ravazzola⁴¹, os modelos explicativos em saúde mental sempre se basearam em déficits, isto é, no que não funciona bem. Ao julgar as pessoas por suas falhas, doenças, restringe-se o olhar a um aspecto redutor; deixando de considerar os recursos possíveis, ainda não explorados e desenvolvidos. As práticas psicológicas predominantes e aceitas (psiquiatria, psicanálise, algumas psicoterapias) são caras, retiram demasiadamente as pessoas de seus contextos, não estão orientadas para soluções, prolongam-se por anos, e às vezes, não conseguem mudanças positivas em condutas que afetam severamente as pessoas (alcoolismo, dependência química, violência, etc.).

Segundo a autora⁴², o estudo da resiliência pode contribuir para uma nova modalidade, onde os profissionais possam discutir e levar alternativas e busca do bem estar para setores amplos da população. Propõe também conhecer o conceito de construção social da realidade,

⁴¹ MELILO, 2005.p.79.In: Ravazzola, M.Cristina. Resiliências Familiares.

⁴² MELILO, Aldo e Ojeda, Elbio e colaboradores. **Resiliência: Descobrimo as próprias fortalezas**. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 32

onde é possível desconstruir e redefinir em diversos contextos as emoções, condutas e conflitos humanos. Estes modelos integram o conjunto daqueles que se apóiam nas competências e recursos, deixando de enfatizar os problemas, como nos modelos de déficit. O enfoque das resiliências permite pensar que, não obstante as adversidades sofridas por uma pessoa, família ou comunidade, estas têm capacidade potenciais para se desenvolver e alcançar níveis aceitáveis de saúde e bem estar. As experiências adversas incluem abusos, carências, negligência, ausência de projetos, reconhecimento social, exclusão social, etc.

Sob este novo enfoque, as pesquisas orientam-se buscando as competências, abandonando a visão linear de causa-efeito, onde, por exemplo, pais abusadores tinham sempre como conseqüência filhos traumatizados, ou a expectativa de que filhos de pais alcoolistas sempre serão alcoolistas.

Na física, a resiliência (de resílio: voltar ao estado original, recuperar a forma original) se refere à capacidade dos materiais de voltar à sua forma, quando são forçados a se deformar. As ciências sociais consideram essa metáfora frutífera para descrever fenômenos observados em pessoas, que apesar de viver em condições de adversidades, são capazes de desenvolver condutas que lhes permitem uma boa qualidade de vida.⁴³

Segundo Walsh⁴⁴ os primeiros estudos de pessoas resilientes, basearam-se em crianças que apesar do trauma sofrido, eram capazes de superarem as adversidades e tornarem-se adultos que não desenvolviam traumas. Muitos fatores foram estudados nas personalidades e nos traços individuais, como relevantes no desenvolvimento da resiliência: elevado nível de auto-estima, sensação realista de esperança, crença de que podem controlar ou influenciar eventos na sua experiência, antecipação de mudança como um desafio, sentimento de confiança, fé que os obstáculos podem ser superados, otimismo aprendido (conceito utilizado por Seligman,

⁴³ MELILLO, 2005. In: Ravazzola, M. Cristina. Resiliências Familiares. P. 75

⁴⁴ FROMA, Walsh. **Fortalecendo a Resiliência Familiar**. São Paulo: Roca, 2005. p. 5

1990)⁴⁵. Além disso, as pesquisas apontam a importância do contexto familiar e as figuras de pais protetores, ou a substituição destes por uma figura de apoio importante, onde pudessem recorrer quando em dificuldades.

A autora aponta ainda a importância de não cair na armadilha de definir estas crianças como “super crianças”, de maneira a negar que existe vulnerabilidade e fraqueza. O que diferencia o resiliente é que ele faz da crise uma oportunidade. Embora sofrendo, consegue ultrapassar melhor seus desafios, pois no fundo acredita que é possível, porque extraiu da vida uma boa quantidade de recursos internos.

Walsh⁴⁶ aborda a importância de ampliar-se o olhar do individual ao relacional, pois a criança está inserida em uma família e na sociedade, em uma mutualidade de influências, por intermédio de processos transacionais, sendo esta uma perspectiva da resiliência dentro de uma visão sistêmica.

É importante também conhecer aspectos no desenvolvimento de ciclo de vida, individual e familiar, que podem favorecer ou não o surgimento de crises, a resolução de uma crise na infância, não significa que em outra etapa, obtenha-se o mesmo sucesso.

O termo “resiliência familiar” refere-se aos processos de enfrentamento e adaptação na família como uma unidade funcional. Uma perspectiva sistêmica nos permite compreender como os processos familiares intervêm no estresse e permitem à família superar a crise.

Walsch organizou suas pesquisas em famílias resilientes, estruturando em três domínios, os elementos fundamentais para resiliência familiar: Sistemas de crença familiar, padrões organizacionais e processos de comunicação.

⁴⁵ FROMA, Walsh, 2005, p.6.

⁴⁶ FROMA, Walsh, 2005, p.11.

Os sistemas de crenças abrangem valores, convicções, atitudes, etc. Nossas crenças são construídas dentro de um contexto social e cultural, as famílias mantêm um grau de congruência, podendo compartilhar suas crenças, que influenciam o modo como percebem e interpretam o seu papel no mundo.

Os rituais familiares facilitam as transições e transformações das crenças durante o ciclo vital. São encorajados na terapia de família para assinalar marcos importantes, restaura a continuidade de uma herança, proporciona a cura do trauma e da perda.⁴⁷

As crenças de cada família podem ser transmitidas através dos seus rituais, na comemoração de dias santos, ritos de passagem (casamentos, formaturas, funerais, festa de quinze anos), tradições familiares (aniversários, reuniões). Segundo Walsch⁴⁸ as crenças básicas são fundamentais para a identidade familiar e para as estratégias de enfrentamento expressadas em regras como “Nunca desistimos quando as coisas ficam difíceis” ou “Homens não choram”.

Ao longo de seu desenvolvimento estas crenças devem ser revistas e redefinidas, para possibilitar mudanças necessárias diante dos novos desafios.

Walsch⁴⁹ propõe que este sistema de crenças pode ser reorganizado e ressignificado pela família na terapia, através do recontar a história familiar. A memória é resgatada, traz união e o contar da história, permite reorganizar as experiências. A psicoterapia oferece um contexto de cura para o diálogo e a narração de histórias, possibilitando narrativas mais otimistas e confirmadoras.

Os padrões organizacionais familiares definem os relacionamentos e regulam o comportamento; cada sistema familiar mantém padrões regulares de preferência, resistindo à mudança, mas com certa variação, que permita uma flexibilidade diante do novo. Para garantir

⁴⁷ E. IMBER-BLACK, J. Robersts y R. Whiting. **Rituales Terapêuticos y Ritos en la Familia**. In: <http://www.rosset.com.br>. Acesso em 15 de março 2007.

⁴⁸ FROMA, Walsch. **Fortalecendo a Resiliência Familiar**. São Paulo: Roca, 2005. p. 11

⁴⁹ FROMA, 2005, p. 78.

um bom funcionamento, é importante ter certa estabilidade nas regras, papéis e padrões consistentes. Estas regras são construídas pela própria família, baseadas nas expectativas, medos e afetos, que mantêm as pessoas unidas em torno do conhecido e de objetivos comuns.

Os rituais e as rotinas mantêm um senso de continuidade ao longo do tempo, vinculando passado, presente e futuro por intermédio de tradições e expectativas compartilhadas.[...] Algumas famílias estão sobrecarregadas e fragmentadas demais até para jantar juntos, rotinas aparentemente pequenas podem constituir uma grande diferença.⁵⁰

Outro fator importante na estrutura familiar é a comunicação, pois em um momento de crise, a comunicação pode sucumbir, uma vez que as expectativas são expressas através de comunicação verbal ou não verbal e as vezes o conteúdo é distorcido por percepções diferentes de um mesmo assunto. Segundo Walsch, três aspectos importantes da comunicação são fundamentais para resiliência familiar: clareza, expressão emocional aberta e resolução colaborativa dos problemas.

A clareza pressupõe em transmitir o que se quer de forma objetiva, sem mensagens confusas, que poderiam desencadear até mesmo, patologias.

A expressão emocional pode ser ensinada para os filhos desde cedo, para isso deve existir diálogo e compreensão, assim como diante das crises é possível unir-se para tentar resolver os problemas, de forma colaborativa.

Ao trabalhar resiliência com as famílias, não poderia deixar de fora as situações de perdas, através da morte. Sabe-se que ao longo de todo ciclo vital, deparamo-nos constantemente com perdas, afinal, cada aquisição nova pressupõe perdas, como por exemplo, na adolescência ao se adquirir autonomia, perde-se o mundo infantil, vive-se o luto pelo corpo e espaço da infância.

⁵⁰ FROMA, 2005,p 79.

Segundo Walsch⁵¹, enfrentar a morte e a perda é o desafio mais difícil que uma família pode encarar. Dentro de uma perspectiva dos sistemas familiares, a perda é um processo transacional, que envolve o ciclo da vida, desde o caráter final da morte de um membro, ao mesmo tempo em que exige a continuidade da vida. A abordagem de resiliência familiar promove a capacidade de enfrentar a morte. Mas será que existe um preparo que seja efetivo? Como estar preparado para uma perda?

Na história e nas diversas culturas, os rituais de luto oferecem apoio na recuperação das famílias. Algumas sociedades minimizam o sofrimento, enquanto outras elaboram com prazo maior o tempo do luto.

Sabe-se que antigamente os altos índices de mortalidade eram atribuídos a doenças e epidemias. A nossa realidade atual apresenta um grande percentual de mortes por violência e acidentes de trânsito, principalmente da juventude. Aliado a estes números, não podemos esquecer, os altos índices de suicídio no nosso país.

A autora relata que por muito tempo no campo da saúde mental, estudou-se o luto individualmente, não abordando este no sistema familiar, bem como suas repercussões nos outros membros. Cita algumas pesquisas realizadas com familiares em fase de luto, onde se percebe maior incidência de adoecimentos nos parentes, assim como desenvolvimento de vulnerabilidade à doença e morte prematura, com surgimento de sintomas emocionais.

Ao usarmos a capacidade humana para o simbolismo, definindo a nós mesmos como parte de um todo significativo, podemos enfrentar de maneira mais aberta e corajosa a nossa própria morte e a de entes queridos. A adaptação à perda envolve o entrelaçamento dos três principais domínios dos processos de resiliência familiar: sistemas de crença, processos de comunicação e processos organizacionais.⁵²

⁵¹FROMA, 2005, p. 166.

⁵² FROMA, 2005, p.170.

Com a morte de um membro, a família precisa redistribuir papéis e testar sua flexibilidade a mudanças, pois novas organizações ocorrerão no sistema familiar. Assim como aceitar ajuda de sua rede de apoio. A morte faz parte do ciclo da vida; todos a enfrentamos algum dia. Contudo, o que diferencia a pessoa resiliente, é que apesar de uma ou várias perdas, ela faz disso um aprendizado, como podemos ver nos de tragédias de pais perdendo os filhos, mas que apesar da tristeza, fazem de sua adversidade uma oportunidade de apoio a outras famílias em situação semelhante.

Além das perdas (mortes, separações), as famílias encontram outros desafios e crises; que acarretam sofrimento, como as doenças crônicas, depressão e doença mental, abusos e abandonos, que oportunizam o exercício da resiliência.

Como exemplo de crianças resilientes temos a história do conto de fadas: João e Maria. Estes pequenos personagens foram abandonados por seu pai e madrasta na floresta, em função das condições econômicas da família. Na primeira vez que eles foram abandonados, tinham marcado o caminho com pedras e puderam retornar para casa; na última vez perderam-se, pois usaram migalhas de pão. O forte sentimento de sobrevivência e amor à família, fez com que as crianças tivessem força para driblar os obstáculos e retornassem novamente à sua casa.

Este conto envolve abandono, medo, miséria e falta de proteção, mas mostra acima de tudo que a coragem, amor e perdão são capazes de transformar corações endurecidos e sem esperança. Poderíamos citar vários casos reais de crianças resilientes, que lutam diariamente contra o abandono, solidão, violência, mas não abandonam seus sonhos. Onde elas estão? Talvez nos abrigos, orfanatos, creches, hospitais, na frente do computador e nas ruas, etc...Onde estão suas famílias? Talvez nas drogas, trabalho, desemprego, depressão, etc.

Na nossa trajetória profissional, escutamos diariamente muitas histórias semelhantes a do João e Maria. São crianças feridas profundamente no corpo e na alma. Vítimas simplesmente e ao crescer tentam se vingar da humanidade através de atos delinqüentes. A outra categoria, transforma o sofrimento e passam a ser, protagonistas de uma história vencedora, superando os traumas e conquistando alegrias, aprendendo com as experiências.

No filme Voltando a Viver, o personagem principal é um soldado negro americano, que apresenta problemas de conduta e disciplina, devido a sua agressividade com os colegas de exército. Ao ser encaminhado para terapia, ele descobre que os maus tratos e abusos que sofreu na infância deixaram marcas profundas na sua vida, que o impediam de confiar e aproximar-se das pessoas. Teve oportunidade de recontar sua história e descobriu que sua mãe não foi má pessoa, mas que não tinha estrutura emocional para lhe proteger quando criança, apesar de tudo a perdoou. Seu terapeuta na história ganhou um presente, pois aprendeu com seu paciente ser uma pessoa melhor, a verdadeira terapia é aquela que oferece oportunidade de ganhos e crescimento para paciente e terapeuta; pois o que motiva uma pessoa a escutar o sofrimento de outra, quando muitas vezes esta dor está dentro de si próprio? A melhor descoberta para o personagem foi que o sofrimento lhe criou “anticorpos”. A vida lhe ensinou a se proteger e que sua criança do passado fragilizada, tornou-se uma grande pessoa, forte, um verdadeiro resiliente.

2.2. Família Disfuncional e sintoma: o sofrimento na Terapia

Ao pensarmos no porque as famílias sofrem e buscam terapia, é importante compreendermos que no primeiro momento alguém apresenta o sintoma que abala a homeostase do sistema. O papel da terapia familiar é redefinir este sofrimento para família, de forma que

todos os membros possam compartilhar esta responsabilidade. O paciente que apresenta o sofrimento ou queixa inicial é chamado de P. I (paciente identificado); na perspectiva sistêmica, ele expressa o sofrimento por todos, é o porta voz.

Walsh⁵³ relata que o padrão de normalidade e saúde são construídos socialmente, influenciados pelo contexto, visão e experiência do terapeuta e padrão cultural. Coloca que existe uma idéia, de que a família saudável é aquela que não tem problemas, levando a uma visão equivocada que qualquer problema é sintomático e é causado por uma família disfuncional. A outra crença, é de que o modelo de família tradicional é mais feliz e bem resolvido, com pai e mãe casados, o homem sendo provedor e a mulher dona do lar.

Nas famílias saudáveis existe um equilíbrio entre pertencimento e individuação, decorre disto a autonomia dos membros, embora conservem a afetividade e lealdade familiar. Segundo Minuchin⁵⁴, nos subsistemas familiares (pais, irmãos, casal) existem fronteiras, tendo estas a função de proteger a diferenciação do sistema. E que são compostas por regras que definem quem participa e como. Por exemplo, a fronteira de um subsistema parental é definida quando uma mãe diz para filha não se responsabilizar pela educação do irmão, pois esta função é sua. Esta confusão de papéis é uma das principais queixas em terapia familiar. Neste sentido o terapeuta é também um criador de fronteiras. Existem três tipos de fronteiras: nítida, confusa e rígida. Para o funcionamento apropriado da família as fronteiras devem ser nítidas. Os pais desenvolvendo sua função de pais, os filhos com suas responsabilidades conforme faixa etária, assim como os avós também; mesmo que eles assumam função de cuidar, se tiverem claro sua responsabilidade e autoridade, tudo ocorrerá bem. Nas fronteiras difusas

⁵³ FROMA, 2005, p.15.

⁵⁴ MINUCHIN, Salvador. **Famílias: Funcionamento e Tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990, p. 59.

existe uma confusão de papéis, que pode sobrecarregar alguns membros, como, por exemplo, quando um filho parentalizado (no papel de pai e mãe) não acompanha mais as atividades de sua infância porque precisa trabalhar precocemente e cuidar dos seus irmãos menores.

Segundo Minuchin⁵⁵ as famílias que desenvolvem fronteiras excessivamente rígidas, apresentam uma comunicação prejudicada, assim como as suas funções protetoras também. O autor coloca que estes dois extremos de funcionamento de fronteiras são chamados de emaranhamento e desligamento, transitando as famílias funcionais entre estes dois padrões, a possível patologia instala-se quando permanecem funcionando em um dos extremos: emaranhado ou desligado. No emaranhamento existe um forte sentimento de pertencimento, pouco espaço para os membros desenvolverem sua autonomia. Por exemplo, uma mãe que é fusionada em seus filhos e não deixa o pai participar na relação, tornando este periférico. Outro exemplo refere-se àquelas famílias que todo fim de semana obrigam seus membros a estarem juntos, não perdoando quando alguém viaja ou faz uma programação de lazer longe da família.

O padrão de desligamento ocorre quando os membros têm muita autonomia, mas com sentido distorcido de independência, pois ficam sem apoio do sistema; é quase um abandono, uma falsa liberdade; e é necessário um grau de estresse elevado para acionar a ajuda aos membros da família desligada.

É importante também levar em conta que outra demanda para terapia familiar reside nos casos de triangulações, onde os pais utilizam um filho como porta voz e mediador nos seus conflitos conjugais. A criança ou adolescente para responder as expectativas de agradar e ser amada tolera ou sacrifica-se, muitas vezes com surgimento de sintomas, como fobias, ansiedade,

⁵⁵ MINUCHIN, 1990, p. 60.

uso de drogas. Nestes casos as fronteiras estão difusas, pois um filho está sendo usado com a função de desviar conflitos conjugais do subsistema do casal.

Quando as famílias procuram minha ajuda, suponho que elas têm problemas não porque haja algo inerentemente errado com elas, mas porque elas ficam paralisadas das paralisadas com uma estrutura cuja época passou, e paralisadas com uma história que não funciona. Para descobrir o que faz com que fiquem atoladas, eu procuro os padrões de ligação[...] A busca básica da terapia familiar é liberar possibilidades não-utilizadas.⁵⁶

Segundo Elkaim⁵⁷ a terapia familiar simbólico experiencial (que também é sistêmica) acredita que o universo simbólico é fruto da experiência. Os símbolos guardam significados que as palavras não conseguem expressar, são pedaços da própria vida.

Em uma família saudável, observa-se um fluxo livre de interações entre o mundo da experiência e dos símbolos, o envolvimento gera novas informações, armazenadas na memória familiar, criando respostas simbólicas.

Numa família disfuncional observa-se uma divisão entre o mundo da experiência e o do símbolo. Estas famílias são resistentes quanto às informações que levem a reconfiguração ou criação de novos símbolos. Por exemplo, uma criança perde sua mãe. Então, suas lembranças com a figura materna evocam mais dor do que afeto. Possivelmente este símbolo de dor vai lhe impedir de aproximar-se de outros vínculos afetivos ao longo de sua vida, com medo de perder novamente seu objeto amado.

A tarefa do terapeuta é propiciar à família experiências capazes de provocar a alteração de seus símbolos disfuncionais.

Uma família saudável é dinâmica, não estática. Está em contínuo processo de evolução e mudança. Saúde é um estado perpétuo de “vir a ser”. Você nunca realmente “chega lá” ou termina a jornada. Portanto uma família saudável é um sistema em movimento.[...] Em famílias saudáveis, as regras servem de guias e estão a ser viço dos

⁵⁶ MINUCHIN, SALVADOR. **A cura da Família:** histórias de esperança e renovação contadas pela terapia familiar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p.46

⁵⁷ ELKAIM, MONY. **Panorama das Terapias Familiares.** São Paulo: Summus, 1998. p. 69

esforços de crescimento. Em famílias patológicas, as regras são usadas para inibir a mudança e para manter o status quo.⁵⁸

Esta rigidez, típica de famílias disfuncionais, encobre o medo da mudança, é uma defesa contra o novo, aparecendo, muitas vezes, na resistência à terapia e continuidade do sintoma.

Na própria eleição do bode expiatório familiar (para portar o problema), a rigidez apresenta-se também na eleição deste elemento, que é sempre a mesma pessoa, não oportunizando circular este papel entre as outras pessoas da família. Esta circulação é um dos fatores que caracteriza uma família saudável, isto é, a diversidade dos papéis.

Segundo Neuburger⁵⁹ as famílias que vêm procurar terapia, até então tinham construído certezas sobre seu destino. Quando a crença no mito do destino é ameaçada, estas famílias podem apresentar reações graves, como rejeição e identificação de um paciente. Neste momento o mito fundador está ameaçado, trazendo sensação de fracasso e dúvidas das pessoas sobre seu destino, colocando em evidência as falhas de um grupo familiar, tornando o sistema frágil. O autor coloca que será mais fácil para uma família enfrentar uma crise (crise de valores e mitos), se o seu destino for afirmado e reconhecido. Para isto pode-se usar diversas técnicas: reconhecimento do suporte mítico do grupo, prescrição de um ritual e utilização de metáforas. Esta técnica tem como objetivo, criar mecanismos de manifestação que reconheçam o pertencimento deste grupo, sua identidade e seu destino particular. Este reconhecimento deve partir no primeiro momento do terapeuta, para que a família após se aproprie e possa trabalhar para mudar sem receio de perder sua identidade.

⁵⁸ WHITAKER, A. **Dançando com a Família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.p.136.

⁵⁹ NEUBURGER, ROBERT. **O Mito Familiar**. São Paulo: Summus, 1999, p.175.

Groisman⁶⁰ pensa que o terapeuta sistêmico ao formular uma hipótese tenta definir a missão no passado desta família e descobrir qual a função no presente do sintoma apresentado pelo paciente identificado.

Ao trabalhar com a hipótese, o terapeuta chegará ao foco sistêmico e utilizará intervenções que descongelem o tempo passado e façam a família retornar ao seu desenvolvimento natural.

Para formular as hipóteses sobre a causa do sofrimento da família, o terapeuta deverá estar amparado na teoria sistêmica (abordagem escolhida por esta terapeuta, mas que não desqualifica o sucesso de outras abordagens), onde não se acredita no indivíduo-indivíduo e sim no indivíduo relacional, inserido em uma família com conexões no passado e transmissão da missão familiar transgeracional até o presente. Para Groisman, a missão familiar é como uma cruz, que nos atravessa, na haste vertical está o que foi transmitido pelos pais, avós e bisavós: os tabus, mitos, valores e crenças. Na haste horizontal está a história que estamos construindo, no momento atual. Além disso, como já foi abordado aqui, o terapeuta deve ter conhecimento do ciclo vital e suas etapas, reconhecer que estas etapas sofrem rupturas e que estas podem nos ajudar a reconhecer o momento do surgimento da sintomatologia e crise familiar.

Também é importante conhecer que a patologia pode implicar dois tipos de diagnóstico: individual-psiquiátrico, que talvez precise de intervenção médica com prescrição de medicamentos nos casos de fobias, depressão, etc...O outro diagnóstico é relacional/familiar, onde o sintoma expressa uma parte da crise, ele está a serviço do sistema familiar, denunciando a disfunção em algum subsistema, refletindo em todos os membros. Por exemplo, é muito comum chegar na terapia crianças hiperativas, que na verdade, estão tentando pedir ajuda para

⁶⁰ GRÓISMAN, MOISÉS (ORG). **Além do paraíso: perdas e transformações na família**. Rio de Janeiro: Núcleo Pesquisas, 2003. p. 31

algum dos pais que pode estar deprimido. Neste caso, a criança necessita estar viva e ativa para manter alerta um dos seus pais, é também o que chamamos de complementaridade ou compensação.

O importante é compreendermos que o sintoma familiar, embora se manifeste em uma pessoa apenas, ele representa o sofrimento de todo sistema. Precisa ser reivindicado a participar, através da redefinição do problema, ou melhor, do novo enquadre terapêutico. É muito comum a família chegar ao consultório queixando-se de como sofre e tentando provar sua tese de que alguém é responsável por este sofrimento. Por exemplo, casais em terapia: eles se comportam como se o terapeuta fosse um juiz, com poder de sentença, tentando convencer que cada um (individualmente) é bom e está com a razão. Neste momento, o terapeuta ao redefinir, está lembrando a responsabilidade de cada um, de forma a não acusar e sobrecarregar um elemento apenas, evitando rótulos prejudiciais aos movimentos de mudanças necessários.

Ferrarini⁶¹ descreve sua intervenção com grupos multifamiliares, relatando o processo terapêutico, dentro de um contexto social, onde se abre espaço para uma participação, que proporciona a construção de sentimentos de pertencimento e autonomia.

A co-construção de novas narrativas e versões leva a co-construção de novas ações e alternativas; desaloja conceitos, cria outros e assim cria uma outra realidade, uma outra ação possível sobre esta nova realidade construída narrativamente. [...] A ética da participação é o valor principal do pensamento social.⁶²

Nesse sentido o enfoque relacional não percebe o sintoma como algo negativo que deva ser eliminado, propõe uma co-construção de narrativas, que lhe confirmam um novo sentido.

Seria um enfoque relacional, centrado na saúde, com objetivo de construções de versões menos patologizantes a respeito da problemática.

⁶¹ FERRARINI, Adriane. **A Construção social da Terapia:** uma experiência com redes sociais e grupos multifamiliares. Porto Alegre: Metrópole, 1999, p. 54.

⁶² FERRARINI, Adriane, 1999, p.47.

O terapeuta familiar só têm a ganhar com esta redefinição de sintoma, pois não estando preso a um diagnóstico, a um rótulo, pode circular mais livremente no sistema familiar, resgatando os recursos e potencialidades de cada um.

Às vezes é muito difícil ter esta postura quando se vem de uma formação universitária tradicional, onde o que foi privilegiado era aprender a classificar as doenças mentais e neuroses, conforme lista de sintomas. O desafio do terapeuta está em ir além do cliente, buscando apoio na sua rede, que inclui família, amigos, vizinhos, etc.

Barreto⁶³ propõe a abordagem através da terapia comunitária, que se apóia nas competências e saberes produzidos pela experiência. Utiliza o espaço de grupos na comunidade e forma terapeutas comunitários, que não precisam ter curso superior, mas se especializam em ser cuidadores, ajudando a diminuir o sofrimento das pessoas que pedem auxílio. Utiliza a metáforas e ditos populares para contextualizar as dificuldades apresentadas, como por exemplo: *Quem olha para o dedo que aponta a estrela, jamais verá a estrela*. Relaciona que os dedos são os sintomas e o terapeuta aquele que não se contenta em olhar para os dedos, mas onde estão apontando.

O autor diferencia a doença do sofrimento; explicando que a doença precisa do especialista (psicólogo, psiquiatra) e o sofrimento requer um espaço para verbalizar o sofrimento.

Observa que a crise acontece quando o modelo de interação utilizado até então, não serve mais, quando falha. A crise vem assinalar que um modelo de comunicação, afetivo, econômico, político ou religioso; precisa ser reconstruído devido às mudanças contínuas.

Poder falar da dor pode ser um fator importante para a reconstrução da vida. Uma crise bem aproveitada pode transformar o caos em matéria-prima para o crescimento

⁶³ BARRETO, Adalberto. **Terapia Comunitária passo a passo**. Fortaleza: Gráfica LCR, 2005, p. 109.

humano, para o crescimento do próprio grupo e de toda uma comunidade [...].As crises não acontecem por acaso, elas sempre fazem parte de um cenário, de um contexto familiar, comunitário e social.⁶⁴

Barreto aponta alguns sinais que anunciam a crise: sentimento de incapacidade do indivíduo e família resolverem os problemas, falta de criatividade para novas soluções, atitudes extremistas (falta de negociar) e perda da direção (desequilíbrio ao tomar decisões).

A grande oportunidade que a crise nos traz é poder refletir onde foi que erramos. Ela nos possibilita rever nossos relacionamentos, buscar novas formas de agir e de nos relacionarmos.As crises nos forçam a mudanças, rompem nossa acomodação e nos fazem avançar na caminhada.[...] É a queda da água de uma cachoeira que dá força ao rio.⁶⁵

Com certeza podemos sair fortalecidos após a crise, mas precisamos problematizar o contexto, pois toda convicção pode ser uma prisão. As emoções fortes, as paixões, podem diminuir nossa capacidade de reflexão.Isto significa que quando estamos presos em apenas um ponto de vista, podemos nos fechar para outras perspectivas e paralisar.

Assim como quando a família está em crise ou sofrimento e não enxerga nenhuma outra saída, paralisa e temporariamente parece ter esgotado seus recursos, neste momento é fundamental o papel do terapeuta como um ampliador de contextos.

2.3. O Papel do Terapeuta Sistêmico

Não poderíamos deixar de descrever qual o papel do terapeuta sistêmico, uma vez que é o elemento pesquisado, por utilizar e prescrever rituais terapêuticos, técnica utilizada dentro da terapia familiar sistêmica.

⁶⁴ BARRETO, Adalberto. **Terapia Comunitária passo a passo**. Fortaleza: Gráfica LCR, 2005, p.116.

⁶⁵ BARRETO, Adalberto, 2005, p.119.

O terapeuta familiar tem como instrumento de trabalho, além das técnicas, seu próprio self, representado por suas vivências e sentimentos. Por ser um pesquisador do ciclo vital, suas etapas e rupturas, interessa-lhe como desenvolver maneiras vivenciais e simbólicas que a família possa reviver ou iniciar em rituais que lhe faltaram nas transições das etapas de ruptura do seu ciclo.

Muitas vezes é esperado do terapeuta uma postura mágica, de salvador, mas ao prescrever rituais ele demonstra que a chave da solução do problema está com a própria família, pois ela vai ter seus recursos acionados e desafiados para mudança necessária.

Segundo Walsch⁶⁶ o terapeuta pode auxiliar a família a construir novos rituais significativos, simbolizando a reconstrução de novas identidades que assegurem pertencimento e individuação, assim como pode ajudar a renegociar cada passagem de uma fase do ciclo vital à outra, quando paralisadas.

Para Minuchin⁶⁷, terapeuta que trabalha com a estrutura da família, o terapeuta investiga os padrões transacionais, as fronteiras e levanta hipóteses dos padrões funcionais e disfuncionais da família, a fim de elaborar um mapa familiar. Esta é a representação gráfica do problema e ajuda-o a determinar os objetivos terapêuticos. Em certo sentido, sua própria presença é uma investigação, porque a família está se organizando em relação a ele. Mas, além disso, pode prescrever tarefas que os ajudem a exercitar novas possibilidades da estrutura familiar.

Quando o terapeuta atende uma família, se une diretamente a vários subsistemas (pais, filhos, irmãos), acomodando-se aos padrões internos de cada um; a seu estilo, afeto e

⁶⁶ WALSH, Froma. **Casais saudáveis e casais disfuncionais: qual a diferença?**.In: ANDOLFI, Maurizio (Org).**A crise do Casal: uma perspectiva sistêmico-relacional**. Porto Alegre: Artmed, 2002.p.27.

⁶⁷ MINUCHIN, SALVADOR. **A cura da Família: histórias de esperança e renovação contadas pela terapia familiar**.Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p. 91.

linguagem. Esta acomodação não significa uma postura passiva, de aceitar tudo, sem propor mudanças; mas é uma das técnicas terapêuticas utilizada para acolher a demanda do paciente. No primeiro momento, o terapeuta une-se à família e aceita sua cultura, a fim de facilitar intervenções posteriores, que os desafiem a tentar mudanças.

Whitaker⁶⁸, terapeuta familiar simbólico-experiencial, também uma escola de terapia sistêmica, coloca que a dinâmica da psicoterapia está na pessoa do terapeuta. Teoria e técnica tornam-se vivas e tomam forma apenas quando filtradas através da personalidade do terapeuta.

Se a psicoterapia deve ser um encontro humano, ela requer um terapeuta que tenha retido a capacidade de ser uma pessoa. Como terapeuta profissional, você precisa inquietar-se o suficiente para entrar no jogo e ficar envolvido, embora retendo suficiente auto-estima para suportar o mandato cultural de sacrificar-se para salvar a família. O pressuposto social que você deve ser capaz de salvar todas as famílias que aparece no seu consultório é fatal. Para ser um salvador, você deve requerer também uma coroa de espinhos.⁶⁹

O autor aborda a necessidade do terapeuta ser nutriz e incisivo, semelhante aos papéis tradicionais da figura materna e paterna. A mãe é nutritiva quando acolhe e cuida o filho; o pai é incisivo quando incentiva o filho a ser autônomo e ir buscar seus desejos. Observa que a nutrição excessiva, tipicamente cai na armadilha do 'ajudar', enquanto que uma dureza exagerada é freqüentemente sádica [...] devem existir em um certo equilíbrio.⁷⁰

Apenas quando você lutou consigo mesmo, você está livre para trazer sua pessoa, e não apenas seu uniforme de terapeuta, para o consultório. O terapeuta é uma pessoa com seus medos, crises e desafios, por isso a importância de também ter passado por sua terapia pessoal, mas isto não o enfraquece, ao contrário desmistifica a idéia de que somos perfeitos, quase deuses. Quanto às responsabilidades, o autor relata que quanto mais o terapeuta sente

⁶⁸ WHITAKER, A. **Dançando com a Família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990, p. 29.

⁶⁹ WHITAKER, A. 1990, p.29

⁷⁰ WHITAKER, A. 1990, p.30

necessidade de assumir responsabilidades por um cliente, menos ele acredita na capacidade deste ser competente.

A idéia de que um terapeuta possa 'ensinar' uma família como funcionar melhor é patentemente narcisista. Eu tenho problemas suficientes remexendo na minha própria vida para sentir que eu possa engarrafar e exportar a minha forma própria de vida. E tentar vender algo que eu não seja capaz de viver é psicopático. O melhor que eu posso fazer é ajudá-los a dar uma olhada em si mesmos e aceitar a completa responsabilidade por decidir e viver.⁷¹

Groisman⁷² descreve a importância da técnica do terapeuta, assim como a teoria na sua formação, mas ressalta o perigo deste tornar-se escravo delas, sendo um mero transmissor e intermediário entre uma linha de pensamento e o cliente.

Muitas vezes o terapeuta prepara uma lista de prescrições e tarefas para família na terapia, mas ao chegar na sessão acontece outra dinâmica que lhe impõe mudar a proposta terapêutica, deve estar preparado para isto. É como o professor que prepara o plano de aula com os conteúdos, mas ao chegar, a turma apresenta outro problema, que lhe impõe resolver na hora. Por isso o terapeuta deve ter a técnica como uma chave, ou carta na manga como diz o ditado, mas a sua principal ferramenta de trabalho continua sendo seu coração, ou capacidade de conectar-se e colocar-se no lugar do outro, assim como sua disponibilidade de escuta.

Estranha essa profissão de terapeuta. Convive com a tragédia humana e, conseqüentemente, com suas próprias tragédias. No caso do terapeuta de família, e esta questão torna-se mais crítica. Relembra a própria família, 'vê' os filhos, a mulher, o pai, a namorada, a avó, o avô nas famílias que atende. Quando se encontra com a família não está sozinho diante dela. Carrega a sua matriz familiar, seus personagens internos e as relações que se construíram entre eles.⁷³

O terapeuta sistêmico diante disso, não utiliza a neutralidade, pois acredita que suas vivências são extremamente importantes, para ajudar na conexão com a família, o fator idade,

⁷¹ WHITAKER, A. **Dançando com a Família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990, p.81.

⁷² GROISMAN, Moisés. **Família, Trama e Terapia: A responsabilidade repartida**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1991, p. 41.

⁷³ GROISMAN, 1991, p.85.

ajuda o terapeuta familiar, por trazer-lhe mais experiência e com isso, ter atravessado várias etapas do seu próprio ciclo vital.

À medida que nós, terapeutas, passamos a trabalhar mais colaborativamente com os clientes, também nos tornamos mais humanos nas nossas interações. Consideramos a revelação de alguns aspectos das nossas experiências de vida quando acreditamos que isso seria útil para nossos clientes, como uma história que estabelece conexões humanas, ou uma história com a qual se pode aprender algo.⁷⁴

Em relação à citação anterior, sobre compartilhar trechos de nossa história com a família, quando julgar, ser útil. Os terapeutas que trabalham as narrativas consideram que todo terapeuta é sempre um bom contador de histórias, por isso a importância de ler muito, não apenas as específicas da área, conhecer os ditados, folclores, conto de fadas, piadas, etc. O próprio humor é um aliado importante do terapeuta familiar, capaz de transformar e aproximar as pessoas mais resistentes.

Segundo Almeida⁷⁵ o lugar de terapeuta como aquele que sabia tudo, cedeu espaço a um terapeuta que aprende com a família a respeito de suas possibilidades e, com ela, identifica sua coerência e amplia narrativas e significados em contexto que tem a reflexão como música de fundo.

O terapeuta tem uma construção social particular, por isso apresenta uma narrativa distinta daquelas conhecidas pela família. Neste sentido, ele contribui para que o contexto terapêutico de conversa possa ser gerador de informação e, conseqüentemente de um contexto de mudança.

O terapeuta ao construir a realidade com a crença em diferentes caminhos, a capacidade de se atravessar a instabilidade sem se ancorar em teorias estáticas e protetoras, abrindo mão do desejo de controlar e ter poder, abre espaço para a terapia

⁷⁴ FROMA, Walsch. 2005, p.124.

⁷⁵ ALMEIDA, Tânia. **A Nossa Casa: Uma sessão estruturada na terapia de família.**In: CRUZ, Helena (Org). **Papai, Mamãe, Você e eu?** Conversações Terapêuticas em Famílias com Crianças. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

como arte, e a improvisação ocupa seu lugar como a expressão da singularidade do terapeuta por meio de sua espontaneidade.⁷⁶

A autora enfatiza também a importância da pessoa do terapeuta, pois ao trabalhar com as famílias a possibilidade de fortalecer o pertencimento através da diferenciação, em um espaço emocional no qual o eu e o nós se entrelaçam e se diferenciam, isso precisa estar desenvolvido no self do terapeuta.

Através da discussão percebemos que o papel do terapeuta também sofreu mudanças ao longo do tempo e através das mudanças de paradigmas, em um primeiro momento detinha o poder e saber, após abriu-se para construir o espaço terapêutico junto com a família, permitindo-se emocionar e deixar-se tocar pelo sofrimento alheio; isto lhe proporcionou um grande enriquecimento, pois continuou aperfeiçoando sua técnica e teoria, sem deixar de ser humano, em processo contínuo de aprendizagem, recebendo nas trocas e no compartilhar as experiências com as famílias.

⁷⁶ ALMEIDA, Tânia, 2000, p.172.

3. RITUAIS TERAPÊUTICOS: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

3.1. Metodologia da Pesquisa

Na realização da pesquisa, foram entrevistados 14 terapeutas de família: 13 mulheres e um homem. O questionário aplicado consta de cinco perguntas dissertativas, investigando a respeito da aplicação de rituais na terapia familiar, objetivos terapêuticos e mudanças na família.

Para cumprir este objetivo todos terapeutas deveriam preencher os seguintes requisitos: ter formação em terapia familiar sistêmica, utilizar os rituais terapêuticos como técnica de intervenção e estar atuando profissionalmente com famílias.

Os terapeutas entrevistados mantiveram em sigilo o nome dos pacientes, com os quais desenvolveram os rituais.

A análise das entrevistas será realizada através das cinco perguntas, convertidas em categorias e com a descrição de todas as respostas do questionário, após serão discutidas através de suporte teórico utilizado até este momento.

3.2. Descrição de Rituais Terapêuticos

Primeira Questão: Descreva um ritual que utilizastes com teus pacientes em Terapia:

Terapeuta 1:

Ritual de Despedida: Paciente tinha perdido um irmão na sua infância, de quem cuidava, sentia-se culpada e não tinha elaborado luto. Foi solicitado que escrevesse uma carta despedindo-se e prometendo que não sentiria mais culpa, perdoando-se. A carta foi lida na sessão e entregue no cemitério, no lugar onde estava enterrado este irmão.

Terapeuta 2:

Ritual Carta de Despedida: Utilizei a carta de despedida para um familiar que havia falecido. Pedia aos pacientes que escrevessem uma carta com coisas que gostariam de dizer para pessoa que partiu. Depois deveriam colocar a carta em um lugar que não fossem seguidamente. (enterraram em um bairro distante, no campo).

Terapeuta 3:

Balão: Família constituída por casal e filha de 9 anos, com muitos medos. Foi sugerido que escrevessem todos os seus medos em um pedaço de papel, colocassem dentro de um balão, enchessem e soltassem em algum lugar aberto (parque). Foi prescrito um balão para cada um.

Terapeuta 4:

Construção de uma Árvore: Foi solicitado a família que construíssem uma árvore, utilizando colagem, de forma criativa, onde em cada galho deveria estar representado aspectos positivos e importantes ocorridos durante suas vidas. Uma árvore para todos.

Terapeuta 5:

Ritual Limpeza de Mente: Foi solicitado ao paciente que escrevesse em uma folha todas as coisas negativas: raivas, mágoas, frustrações, etc...Após foi queimado, simbolizando jogar tudo fora.

Terapeuta 6:

Boneco de Jornal: Foi confeccionado pelo grupo um boneco de jornal. Após terminada a montagem, o grupo deu 'vida' a este, representando uma pessoa que estava ausente, as pessoas falavam uma por uma com o boneco, dizendo através deste, tudo que não conseguiram dizer para a pessoa ausente.

Terapeuta 7:

Ritual de Aproximação de Casais: Terapeuta solicita que ambos fiquem de pé de frente um para o outro, iniciem a respirar com música de relaxamento. Após a esposa é colocada de costas para o parceiro de olhos fechados, é orientado que o marido 'cuide' dela, realizando leve massagem nos ombros, costas, pescoço e braços. Durante este processo o companheiro deveria afirmar sentimentos positivos para esposa. Após 10 minutos a posição é invertida e o marido recebe os cuidados. Ao final devem trocar um abraço.

Terapeuta 8:

Ritual de Joga-Fora: Cada membro da família escrever em um papel tudo que não queriam mais em suas vidas, que gostariam de se livrar, e que também não poderiam desejar para mais ninguém. Após dar para o terapeuta rasgar e colocar no lixo.

Terapeuta 9:

Carta de Despedida: Prescrever ao paciente que vivesse por uma semana, como se fosse a última de sua vida, despedindo-se de todas as pessoas importantes. Após levar para a sessão a sua carta de despedida, se morresse, para as pessoas importantes na sua vida. Na mesma sessão é dada oportunidade para reviver, celebrar a vida através de música com relaxamento e alegria.

Terapeuta 10:

Ritual de Casamento: Ao final da terapia de casal é recomendado que comprem alianças, realizem uma festa com convidados, se precisar até alguém que faça a celebração no lugar simbólico de um padre ou pastor.

Terapeuta 11:

Ritual de Queima: Com a seguinte pergunta aos pacientes ou paciente: O que estou carregando que não preciso mais? O que preciso reciclar na minha vida? Escrever em um papel e queimar na sessão de terapia, livrando-se.

Terapeuta 12:

Trilha Musical: Solicita-se ao paciente adolescente que escolha as músicas que mais gosta e que foram marcantes na sua vida, monte e grave em um CD. Levar para sessão, escutar e comentar o que sentiu em cada música.

Terapeuta 13:

Ritual de Auto-Adoção: Lembrar de cenas da infância que machucaram o paciente, evocar quem protegeu ou quem agrediu. Levar o paciente através de músicas e relaxamento, encontrar sua criança e conversar com ela, tentar achar explicação para algum sofrimento, por exemplo, algum abandono. No final resgatar o adulto, cuidando dele mesmo.

Terapeuta 14:

Diploma Universitário: Este ritual foi utilizado para uma família, onde o filho mais jovem estava na terceira faculdade inacabada, estudando há muitos anos, sem definir sua vida profissional. Foi solicitado à mãe e ao pai, elaborar um diploma por escrito a este filho, colocando suas competências e o liberando para crescer e tornar-se adulto. O diploma foi entregue na sessão, imitando um ritual de formatura, onde recebeu das mãos dos pais e escutou vários relatos positivos e de encorajamento a seu respeito.

3.3. Objetivos dos Rituais Terapêuticos

A segunda questão respondida foi a respeito de que objetivos tinham ao utilizar o ritual; estas respostas serão agrupadas conforme o tipo de ritual. Os rituais mais citados na pesquisa foram: despedida de alguém que morreu, ritual para livrar-se de medos e sentimentos ruins, ritual de afirmação de pontos positivos, ritual de verbalização de coisas não ditas para alguém ausente, ritual de aproximação afetiva, ritual de casamento, queima de sentimentos

negativos, auto-adoção, ritual de individuação e crescimento. Os objetivos citados para cada ritual foram retirados das respostas dos terapeutas entrevistados.

Rituais de Despedida:

- Livrar-se da culpa
- Descongelamento da Infância
- Verbalizar sentimentos reprimidos
- Livrar-se de ‘fantasmas’ do passado
- Valorizar momentos presentes
- Esclarecer mal entendidos
- Trabalhar desapego
- Liberação e libertação do passado
- Fortalecer vínculos atuais.

Segundo Gimeno⁷⁷, os ritos de cura e os terapêuticos pressupõem a utilização das funções dos rituais para criar novos ritos, que facilitem famílias ou pessoas com problemas, crises ou patologias superem suas dificuldades, restabelecendo relações interpessoais saudáveis. A autora analisa como importante à observação exterior do ritual, por exemplo, o local, roupas, objetos utilizados. Observamos que os terapeutas entrevistados optaram, na maioria, por cartas escritas e levadas a um lugar distante, embora a primeira parte de preparação do ritual fosse

⁷⁷ GIMENO, Adelina. **A Família, o Desafio da Diversidade**. São Paulo: Ed. Instituto Piaget Epistemologia e Sociedade. 2003, p. 180.

sempre no mesmo local: o espaço da sessão terapêutica, com o terapeuta como um mediador, alguém central no processo, quase o ‘curandeiro’.

Barreto⁷⁸ descreve um ritual de cura indígena, onde utilizam danças, cantos, ervas medicinais e representações ritualísticas. Entre os índios o pajé é muito respeitado. Ele conhece os segredos das ervas medicinais e os rituais de cura, que têm merecido o reconhecimento e o respeito de outras culturas.

Segundo Walsh⁷⁹ os rituais fúnebres e visitas ao túmulo, têm função de confrontar a realidade da morte, prestar homenagem e compartilhar tristezas, quando as famílias evitam a despedida de alguém querido que morre é por tentativa de manter dentro de si a figura daquela pessoa ou evitar o sofrimento da perda. Quando a família sofre, mas não pode verbalizar este sentimento, pode surgir algum membro como porta-voz do sintoma, bloqueando toda comunicação existente, é importante lembrar que a comunicação efetiva e clara é um dos princípios da resiliência familiar. Após a morte de alguém os papéis dentro da família precisam ser redistribuídos, sob pena de alguém ficar sobrecarregado ou impedido pelo ‘fantasma’ e presença do morto, de seguir em frente. Os rituais de despedida são utilizados na terapia familiar em caso de luto recente ou prolongado, muitas vezes o tema da morte passa a ser um tabu, pois as pessoas têm medo de encarar o sofrimento, mas é extremamente necessário que o terapeuta não tenha medo de mobilizar a tristeza para depois fechar este ciclo, possibilitando uma nova etapa de aquisições e fortalecimentos.

⁷⁸ BARRETO, Adalberto. **Terapia Comunitária passo a passo**. Fortaleza: Gráfica LCR, 2005.

⁷⁹ FROMA, Walsch. **Fortalecendo a Resiliência Familiar**. São Paulo: Roca, 2005.

Rituais de Queima, Livrar-se de Medos, Jogar Fora:

- Através do lúdico, abordar um tema denso
- Livrar a pessoa de sentimentos negativos
- Aliviar e diminuir ansiedade
- Expressar sentimentos bloqueados ou considerados inadequados
- Aliviar culpa
- Construir novas narrativas com mais esperança
- Desapego
- Valorizar e enfatizar os pontos positivos, melhorando auto-estima

Muitas vezes quando se propõe um ritual de impacto como este, queimar, jogar fora, rasgar, alguns pacientes ficam chocados e apresentam dificuldades até mesmo de expressar sua raiva ou medo de realizar o ritual, mas quando percebem que ao realizar não machucam ninguém, nem ofendem, soltam-se e aproveitam. Um dos maiores medos das pessoas, às vezes é brigar, criticar o outro, como se com isso fossem destruir a relação e a pessoa, na verdade aprendemos que as nossas diferenças nos fazem crescer, que se ficarmos passivos com medo de agredir, o tempo passa e dentro da gente a mágoa cresce e cristaliza, tornando-se pesada e cada vez mais difícil de livrar-se da ‘carga’.

Segundo Groisman⁸⁰ o consultório deve estar equipado de forma a estimular diferentes formas de comunicação, com fantoches, bruxas, fadas, reis, bonecos, etc...O lúdico e o jogo representam a possibilidade de introduzir a comunicação não-verbal, analógica, metafórica, no espaço terapêutico[...].

⁸⁰ GROISMAN, Moisés. **Família, Trama e Terapia: A responsabilidade repartida.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1991.

Ritual de Afirmação de Pontos Positivos:

- Aumentar auto-estima
- Desenvolver Confiança
- Estimular projetos de vida
- Visualizar potencialidades
- Resgatar conquistas anteriores
- Poupança emocional (armazenar recursos)

Ritual de Aproximação Afetiva e Casamento:

Estes dois rituais foram agrupados, pois se direcionam a casais, com objetivos em comum, embora diferentes.

- Criar clima afetivo
- Aproximar o casal
- Proporcionar momentos de descontração no meio da crise
- Desenvolver o toque corporal
- Quebrar barreiras de indiferença
- Concluir etapa
- Restaurar relações com rupturas
- Promover transição e aceitação de nova etapa no ciclo vital

McGoldrick⁸¹ relata que os rituais de casamento são tão marcantes como os de morte, com a diferença de que na morte, perde-se alguém e no casamento deve-se incluir um membro

⁸¹ CARTER, Betty; McGOLDRICK, Mônica. **As mudanças no Ciclo de Vida Familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

diferente da família. Através de sua experiência chegou à conclusão que muitos casamentos ocorrem após algum fator estressante na família de origem de um dos parceiros. Além disso, os preparativos tomam tanto tempo e mexem com os nervos dos noivos e famílias. O casamento como um rito de passagem é como o movimento de um iceberg, com a maior parte daquilo que está em movimento invisível aos olhos humanos.⁸² Quando as pessoas se casam e não aproveitam este rito de passagem, curtem apenas a cerimônia, muitas vezes precisam ritualizar na terapia para alcançar amadurecimento nessa nova etapa. Muitos casais embora sejam casados há muito tempo, não casaram ainda, quer dizer, ainda não estão ligados, brigam, mas não se separam, quando procuram terapia e casam realmente, às vezes conseguem separar-se, pois ninguém se separa daquilo que não se uniu antes. Alguns rituais de terapia de casal têm objetivo de aumentar a comunicação verbal e não verbal, pois com o passar do tempo os casais praticamente usam de ‘telepatia’ para se comunicar, esquecendo-se do contrato inicial do casamento, muitas vezes na terapia de casal precisamos refazer e lembrar qual o contrato inicial, como se apaixonaram.

Ritual de Auto-adoção:

- Diminuir sentimento de abandono
- Resgatar cuidados
- Resgatar força da criança interior
- Aumentar resiliência
- Aceitação de si mesmo

⁸² CARTER, Betty; McGOLDRICK, M, 1995, p. 123

- Perdão de traumas passados
- Auto-perdão

O ritual de auto-adoção tem muito a ver com o processo de resiliência, no primeiro momento, depara-se com os sofrimentos e depois se resgata os recursos e potencialidades, transformando a dor em ação, oportunidade. Segundo Colombo⁸³ nós terapeutas gostamos muito de rituais, porque sabemos que para desenvolvermos nossa integridade pessoal, [...] necessitamos não mergulhar no outro, mas mergulhar antes em nós mesmos[...].

Walsch⁸⁴ distingue entre perdão e desculpa, trazendo que o perdão exige mudança no comportamento, é mais profundo, exige que os erros sejam reconhecidos e a confiança restaurada após uma mágoa relacional.

Ritual de Individuação e Crescimento:

Os dois rituais descritos de individuação, através de música e diploma, foram realizados com jovens atravessando dificuldades de autonomia.

- Motivação
- Promover individuação e autonomia
- Promover transição de fase adolescente para adulta
- Liberação do lugar infantilizado dentro da família

⁸³COLOMBO, Sandra. **Em busca do Sagrado**. In: CRUZ, Helena (Org). **Papai, Mamãe, Você e eu?** Conversações Terapêuticas em Famílias com Crianças. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.p.173.

⁸⁴FROMA, Walsch. **Fortalecendo a Resiliência Familiar**. São Paulo: Roca, 2005.

- Desenvolver habilidades e autoconfiança
- Valorização das vivências do paciente
- Autorizar os pais a permitir crescimento do filho
- Envolver todos e desmistificar o lugar do problema da família

Cada vez mais se prolonga a saída dos filhos de casa, este fenômeno tem recebido o nome de geração canguru, pois os filhos optam em ficar em casa para estudar e fazer sua carreira profissional. Mas em muitas famílias ainda, alguns filhos recebem a missão de cuidar dos pais, então alguns são liberados para saírem e outros permanecem, paralisados e infantilizados. Não conseguindo realizarem projetos separados de seus próprios pais, possuem senso de lealdade muito forte. Isto pode aparecer através de vários sintomas e disfunções, como, por exemplo, uso de drogas, fobias, fracasso na aprendizagem, dificuldade de relacionar-se com seus pares de iguais (amigos, namorados (as)).

3.4. O Ritual Terapêutico nas diferentes etapas do Ciclo Vital da Família

A terceira pergunta era em que momento do ciclo vital da família, os terapeutas achavam importante a realização de um ritual terapêutico, foram várias as respostas. Não efetuaram uma relação direta com os rituais descritos na primeira questão. Estão aqui apresentadas as respostas dos questionários:

- Adolescência
- Em qualquer momento do ciclo vital
- Terceira Idade
- Casal Marital

- Luto
- Crise no casamento com filhos adolescentes
- Depende da demanda do paciente e problemática apresentada
- Nascimento de um novo membro
- Separação
- Momentos de paralisação no ciclo vital
- Finalização de um processo

As etapas mais citadas foram a da adolescência, luto e separação. Acredito que este fator ocorre porque no trabalho terapêutico, as famílias procuram terapia por estarem sofrendo, o que ocorre nos momentos de maior estresse, como morte, negociação de limites e regras na adolescência, crises nos casamentos e separações. A etapa com filhos pequenos também é muito difícil, pelo acúmulo de tarefas e mudanças no casal parental, mas são utilizados poucos rituais terapêuticos nessa etapa, talvez porque a sociedade se encarregue deles: chá de fraldas, batizado, festa de um ano, ingresso na creche, formatura na pré-escola, etc... Ainda faltam rituais para adolescentes, pois os que existem ainda estão ligados à escola, como as formaturas e vestibulares; existem alguns com conotação religiosa, tais como, confirmação, bar mitzvá, etc.

Na terceira idade, não existe preparação para as pessoas se aposentarem. Ainda é valorizada a juventude, sendo muito comum a depressão nos idosos, por falta de perspectiva, novos planos, projetos e sonhos.

Rosset⁸⁵ cita Imber-Black como fonte de pesquisa no uso de rituais na psicoterapia, definindo ritual como um processo destinado a reelaborar as interações rotineiras num tempo e espaço especiais, que acontecem fora do cotidiano. Destaca como uma das principais funções

⁸⁵ http://www.srosset.com.br/textos/rituais_na_psicoterapia.html Acesso em: 21/03/2007

dos rituais ser um sistema de intercomunicação entre os sistemas. Trabalhar os paradoxos fundamentais (morte/vida, ideal/real, bem/mal), assim como possibilitar a expressão e experimentação de coisas que não se pode por em palavras, vinculando o analógico ao digital (comunicação não verbal e verbal).

A autora destaca as etapas dos rituais: **separação ou preparação** (preparações e pesquisas para executar ritual); **participação ou concretização** (o ritual em si, onde se vive novos papéis e novas situações); **Reintegração** (é a volta da situação rotineira, mas com as diferenças que o ritual possibilitou). Divide os tipos de rituais em: **Pertinência** (facilitar entrada e saída de membros na família); **Cura** (perda de um membro, limpar situações mal resolvidas); **Definição e Redefinição da Identidade** (ritos de passagem); **Expressão e Negociação de crenças** (lidar com conflitos entre crenças). **Celebração** (celebrar transições dos ciclos de vida).

3.5. Influências e Mudanças no Processo Terapêutico após a utilização de Rituais

A quarta questão investigou quais os efeitos que os terapeutas observavam no processo terapêutico, após utilizar os rituais. As respostas dos terapeutas serão listadas, mas sem discriminar o tipo específico de ritual aplicado.

- Maior segurança no cotidiano
- Maior reflexão sobre o problema
- Desconstrução de Mitos Familiares que paralisavam a família
- Encarar assuntos antes temidos
- Liberação do paciente do lugar de bode expiatório da família
- Aumento de satisfação

- Alívio ao expressar o que estava reprimido
- Compreensão do sofrimento e maior equilíbrio
- Amadurecimento para enfrentar as crises
- Redefinição do problema inicial (leitura do implícito)
- Movimentação do sistema familiar (introdução de novos elementos)
- Maior clareza e criatividade frente às decisões
- Sentimento de liberdade para seguir adiante
- Novas atitudes e mudanças em relação ao problema
- Aproximação Afetiva
- Aumento de Cumplicidade
- Maior compreensão da história familiar
- Tentativa de melhorar contexto e relações interpessoais
- Entendimento e Redefinição de uma etapa
- Enfrentamento da situação difícil e despedida desta situação

Ao falarmos de efeitos no processo terapêutico, não podemos deixar de pensar no sucesso e fracasso na terapia familiar, pois mesmo tendo trabalhado que o papel do terapeuta não é o de salvador ou curandeiro, na verdade, temos e devemos ter esperanças com as famílias atendidas, mesmo que isso cause frustrações e derrube nossa onipotência de salvá-las, ou melhor, de nos salvarmos. Ao utilizar os rituais temos objetivos, e a partir destes um plano terapêutico, que inclui avaliarmos nossas intervenções e técnicas utilizadas, aqui, os rituais. Pois como qualquer outra técnica, pode ser que não seja o momento certo de aplicar, ou quem sabe a família não está preparada, ou ainda, quem sabe nós queremos mais que eles próprios.

Tentar avaliar o sucesso ou fracasso da terapia familiar é algo enganador e ilusório. A questão óbvia de ‘a terapia foi um sucesso?’ É freqüentemente muito perigosa: Perigosa, porque pressupõe critérios de comum acordo para o sucesso. Critérios não só clinicamente válidos, mas, também, confiavelmente medidos e coletados. Nesse momento, nosso campo é mais arte do que ciência. Apesar dessa condição, porém cada um de nós precisa, de alguma forma, lidar com a questão do que funciona ou não funciona.[...] A terapia é um processo de esforço dirigido ao crescimento.⁸⁶

Segundo Rosset⁸⁷ o ritual não é sempre a técnica adequada. Há necessidade de uma boa avaliação, de conhecermos a linguagem, a cultura da família, de usarmos seu sistema de crenças, enfim é o coroamento de seu processo e não um exercício de criatividade do terapeuta.

3.6. A Relação Entre Rituais Cotidianos e Terapêuticos nas Famílias em Terapia

A quinta pergunta era se os terapeutas acreditavam que faltavam rituais cotidianos na vida de seus pacientes, nos quais foram indicados ritos terapêuticos. A seguir serão listadas as respostas, afirmativas ou negativas, com explicações dos terapeutas entrevistados.

- Sim, muitas vezes não tem rotinas em comum com os familiares
- Sim, principalmente no casamento, onde a ausência da cerimônia muitas vezes impede a formação de outros vínculos
- Sim, quando não existe despedida do ente querido que morreu, dificulta elaboração do luto
- Sim, por falta de hábito de festejarem conquistas ou tristezas
- Não necessariamente por ter faltado o ritual, tinha dificuldades de elaborar o luto

⁸⁶ WHITAKER, A. **Dançando com a Família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. p.143.

⁸⁷ http://www.srosset.com.br/textos/rituais_na_psicoterapia.html Acesso em: 21/03/2007

- Não, mas estavam esquecidos e estagnados, e os rituais terapêuticos renovaram, oxigenaram
- Sim, família isolada, sem motivação para reunirem-se
- Não, por isso facilitou a aplicação do rito terapêutico
- Sim, porque os pacientes estavam precisando renovar e melhorar comunicação
- Sim, mas as pessoas estavam sem fé nos ritos anteriores
- É relativo, alguns utilizam em excesso e outros tem ausência no seu cotidiano
- Sim, pelas dificuldades apresentadas, ocorreu esta falta de rituais no cotidiano
- Sim, não lembravam de fatos marcantes envolvendo a reunião do grupo familiar

Entre os terapeutas entrevistados, um não respondeu a respeito da falta de rituais, apenas justificou a importância. Por isto, não aparece nos levantamentos. A maioria concorda que seus pacientes não tiveram rituais significativos, ou não lembravam. Muitas vezes passamos por ritos e não percebemos, de forma inconsciente até. Outras vezes, nos negamos a participar, mesmo não sabendo qual objetivo, o que poderia nos levar a pensar na inadequação ou pressa do terapeuta impor tal técnica.

O terapeuta ao indicar um ritual, deverá conhecer a formação e estrutura da família de origem dos pacientes, seus mitos, legados, medos, sonhos e rituais próprios da família. Como exemplo, gostaria de trazer um caso de paciente adolescente que tinha perdido o seu gatinho de estimação, o qual havia sido cremado e cujas cinzas, a paciente levava sempre na mochila, assim como nas datas de morte, ia ao cemitério visitar o túmulo do pai (mensalmente), que havia morrido no mesmo mês de seu gato. No caso, se fosse prescrever um ritual terapêutico,

para ela esquecer ou redefinir a imagem do gatinho e pai, não poderia ser de colocar fora ainda, as cinzas, pois o excesso de rituais da paciente nos sinalizam que ela ainda necessita deles.

Carter e McGoldrick⁸⁸ alertaram os terapeutas para avaliar os estressores horizontais e verticais no desenvolvimento familiar, pois o surgimento de sintomas ocorre no descarrilamento dos eventos de ciclo de vida normativos. A falta de apoio social, rompimentos, rótulos, isolamento e segredos podem ser agravados por uma escassez de rituais que assinalem a mudança desenvolvimental.

3.7. Análise dos rituais através de uma perspectiva antropológica

Os rituais analisados na pesquisa enfocam principalmente as transições principais do ser humano. A terapia utiliza e resgata cerimônias universais, que se amparam nas condutas humanas, desde os povos mais antigos até a atualidade.

Nos rituais descritos de despedida, percebe-se uma preparação dos pacientes para finalizar o processo e deixar para trás, as suas memórias dolorosas. Nesse momento, o paciente vai mobilizar seu sistema de crenças, avaliando os valores recebidos na sua família, de forma a participar para receber reconhecimento social e resgatar a sua inclusão na estrutura vigente, pois como analisa Rivière⁸⁹, ao conferir ao rito a propriedade de reafirmar a identidade coletiva, aparecem elementos de inclusão e exclusão, que podem manifestar-se durante o processo ritual. Além disso, os ritos de despedida, descritos, mobilizam um dos temas universais da cultura humana: a morte. Na morte e nos seus ritos, percebem-se os três momentos descritos por

⁸⁸ CARTER & MCGOLDRICK, 1995.

⁸⁹ RIVIÈRE, Claude. 1996, p. 16.

Gennep⁹⁰, ao preparar o sujeito para evocar lembranças da pessoa ausente, é o período da margem, necessário para o amadurecimento do processo. O período de separação pode ocorrer, também, enquanto a carta de despedida está sendo elaborada, assim como, posteriormente na despedida em si. O período de agregação ocorre quando o luto é contextualizado, compreendido e aceito pelo grupo; assim como também quando ele pode ser encerrado como etapa, inserindo este sujeito novamente no grupo familiar, de forma mais saudável e participativa.

Em todos os rituais utilizados, percebe-se que o terapeuta tem o papel de mobilizar a participação dos pacientes, criando um ambiente favorável, dentro de um prazo pré-estabelecido, para que o rito ocorra, de acordo com os objetivos propostos. Segundo Rivière⁹¹, os ritos e símbolos têm apenas o sentido que lhes é atribuído pelos homens, fabricantes de mitos e ideologias. O terapeuta precisa conhecer então, que mitos atravessam as diferentes gerações, em cada família que conhece, a fim de acessar seus conteúdos simbólicos, sua linguagem, seus gestos e maneira de expressar os afetos, assim como seus medos e sistema de crenças. Ao propor um rito, a fim de facilitar uma transição de uma etapa à outra, o terapeuta está caracterizado de um tipo de poder que confirma a aquisição da nova posição desejada pelo paciente.

Para Rivière⁹² o rito instituído no sentido em que sanciona e santifica uma ordem estabelecida, pois ao notificar alguém sobre seu novo papel, o rito de passagem tem um efeito de confirmação e encoraja o promovido a viver conforme as expectativas sociais de sua nova posição.

⁹⁰ GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978, p. 62-68.

⁹¹ RIVIÈRE, Claude. 1996, p. 32.

⁹² RIVIÈRE, 1996, p. 76.

O ser humano tem necessidade de ser reconhecido desde o nascimento, o rito valida esta confirmação social e coletiva, o sujeito precisa do outro para integrar sua própria imagem e identificações.

Nos ritos analisados, além da própria pessoa, está presente, uma parte deste social, representada pela família e terapeuta, o que confere sentido na execução dos mesmos, uma vez que o desejado é o reconhecimento e aceitação do grupo.

Alguns ritos utilizados referiam-se a pessoas ausentes, exigindo a utilização de cartas ou dramatização para simbolizar a falta do ente querido, confirmando o que foi citado anteriormente; mesmo na ausência, simbolicamente se evoca a presença, buscando a confirmação do outro, do social.

Segundo Rivière⁹³ o ritual representa um drama para resolver uma crise e constitui, assim, um mecanismo de resposta social às mudanças e conflitos. Esta face dramática está a serviço do lúdico e das representações de papéis, que ocorrem nos ritos terapêuticos, ou no processo de terapia, proporcionando efeitos terapêuticos mais efetivos. A dramatização permite vivenciar as emoções, transformando a narrativa em ato (drama).

Os rituais aplicados utilizaram vários objetos: cartas, balão, fogo, boneco, música, diploma, aliança, etc. Algumas vezes estes objetos foram lançados foras, outras vezes, direcionados para fim de catarse, como se livrar da raiva, do medo e saudade.

Isto nos remete aos rituais primitivos, onde o sacrifício de um bode expiatório era necessário; como relata Rivière⁹⁴, nas sociedades arcaicas, o sacrifício de um bode expiatório,

⁹³ RIVIÈRE, 1996, p. 54-57.

⁹⁴ RIVIÈRE, 1996, p. 60-63

leva embora todos os males do grupo, constituindo-se um remédio curativo-preventivo para impedir as explosões de violência.

A maior parte dos ritos, descritos na pesquisa, foram baseados em atos cotidianos, como reparação de vínculos afetivos, busca de autonomia, confiança e auto-estima. Nesse sentido o rito aqui, teve também uma função mediadora e de estabelecer continuidade, entre os elementos, muitas vezes desagregados, pelo sofrimento humano.

Os ritos terapêuticos enfatizam o período de margem, necessário para prescrever e preparar o ritual, uma vez que o ritual só é utilizado após um período de tempo da terapia, onde a confiança e vínculo entre família e terapeuta, já estão constituídos. Nos ritos de livrar-se de coisas negativas, observa-se um período de separação breve, após, o momento de agregação; visando resgatar autoconfiança e validação do grupo social.

Os ritos terapêuticos podem apresentar-se de diversas maneiras, carregados de simbolismo, afetividade, inseridos dentro de um imaginário social e coletivo, com influência dos mitos, da cultura e do lúdico.

CONCLUSÃO

Este tema foi um desafio, pois durante a elaboração do projeto de pesquisa as hipóteses formuladas eram outras. Inicialmente tinha-se a intenção de estudar os ritos religiosos e os terapêuticos, abordando resignação e resiliência, mas foi uma escolha feliz a troca de foco. Estudar rituais tem sido muito gratificante, pois certamente trará mudanças nas minhas intervenções profissionais e pessoais.

A terapia familiar tem muito a ganhar com a reflexão sobre os ritos, assim como os terapeutas, investigadores incansáveis do ciclo vital, possuem um grande aliado nestes.

Quando penso na minha motivação para trabalhar com ritos; mergulho na minha história e principalmente nas narrativas dos meus pais, que sofreram abandono e perdas na infância, semelhante à história de João e Maria. Possivelmente na falta de ritos familiares que diminuíssem esta dor; fui seguir meu legado familiar, de resgatar, através da profissão de terapeuta, um pouco dessa lacuna e preencher com novos significados, através de novas narrativas, um contexto novo e mais acolhedor.

Ao trabalhar como terapeuta familiar e principalmente psicóloga infantil, realizo cotidianamente um ritual: escuto fragmentos de histórias, recheadas de dor, esperança, algumas familiares e outras assustadoramente estranhas. Neste ritual vou percorrendo meu próprio self,

minhas histórias, e vou curando-me. Compartilhando alegrias e tristezas com meus pacientes, transformo a minha dor em pérolas.

Compreender que as cerimônias necessariamente não representam ritos de passagem, pois as pessoas permanecem carecendo dos ritos, é de grande ajuda na compreensão e utilização da técnica. Além disso, na terapia familiar, ao vivenciar o rito, também realiza-se uma nova leitura e redefinição do seu significado, contextualizando as necessidades de cada membro da família; interligando aspectos do passado com a história atual.

Através do estudo da resiliência familiar, pode-se ampliar os contextos que promovem esta, pois existem vários trabalhos que relatam o desenvolvimento da resiliência, através da música, espiritualidade, etc... Compreender que nós terapeutas temos um papel fundamental de continuar a mudança do paradigma tradicional, que privilegiava o poder centralizador e via o sintoma como linear (causa-efeito), enfatizando as patologias ao invés das potencialidades. Para valorizar as competências, ao invés dos déficits, precisa haver coragem de mostrar a própria fragilidade do terapeuta, assim como adotar postura de humildade, postura de eterno aprendiz.

Como diz a letra de Gonzaguinha: “ Viver e não ter a vergonha de ser feliz; cantar a beleza de ser um eterno aprendiz...”

Com o estudo da resiliência abre-se mais uma possibilidade de trabalharmos com recursos positivos, do que de melhor as pessoas possuem para enfrentar a dor e sofrimento.

Sabendo-se que a família é o espaço de crescimento, pertencimento e individuação das pessoas, é importante ter um olhar especial nesta como criadora de pessoas resilientes. Apesar de todas as mudanças que os indivíduos passam, das perdas, conquistas e desafios, é na família que aprendemos a rir, chorar e lutar pelo que queremos. Recebemos das famílias de origem um sistema de crenças, valores e mandatos, que precisam ser re-significados constantemente, é

como uma bagagem que levamos numa longa viagem, mas que conforme a estação, clima da cidade que visitamos, utilizaremos algumas coisas e outras talvez não sirvam naquele momento.

Atualmente as pessoas não têm dinheiro e nem tempo para gastarem em terapias intermináveis, que analisam apenas o seu inconsciente. A terapia sistêmica tem como vantagem o fato de trabalhar um foco, com objetivos que lhe possibilitam ser breve, centrada no momento atual, embora resgate a história familiar.

Os rituais alavancam os processos terapêuticos que estavam congelados, paralisados em alguma etapa do ciclo vital também cristalizada. São aliados importantes, porque não descongelam apenas o processo dos pacientes, ajuda a descongelar a terapia, e porque não o terapeuta.

A pesquisa realizada com os terapeutas familiares foi muito interessante, pois trouxe a tona muitos rituais que utilizamos, mas não compartilhamos com os colegas, talvez por medo da exposição e crítica; diferente da neutralidade da abordagem psicanalítica, que protege o terapeuta.

Percebe-se que os rituais mais utilizados são os que ajudam a elaborar a perda, assim como os de livrar-se de sentimentos negativos, sendo que a técnica aqui é utilizada como auxílio para terapeuta e paciente, possibilitando um novo movimento à terapia.

Além disso, observa-se, que os rituais pesquisados, contemplam os momentos descritos por Van Gennep: separação, margem e agregação, com ênfase no período de margem, necessário para fortalecer vínculo de confiança entre terapeuta e família, para aceitação da prescrição do ritual, assim como, para amadurecimento a fim de realizar o rito. O momento de agregação ocorre com a mudança e aquisição de um novo comportamento e atitude, reconhecido e confirmado pelo grupo familiar. Os terapeutas que prescrevem rituais, geralmente identificam-

se com os ritos, talvez possa se pensar na hipótese, de que estão familiarizados com condutas ritualísticas, no seu percurso pessoal e familiar. A especialização em terapia familiar sistêmica, amplia o olhar na diversidade dos recursos do processo terapêutico, foi este complemento que fui buscar na especialização, pois a formação acadêmica tradicional inibia o uso da criatividade.

Quanto aos objetivos, a maioria concorda que os ritos encerram uma etapa, que precisa ser elaborada para que os pacientes possam seguir adiante. Nessa transição o terapeuta valida e confirma as competências e recursos positivos que o paciente acumulou ao longo de sua vida; mas que estavam estagnados e esquecidos. Como Barreto costuma citar nas suas palestras: água parada fica podre e fede, ao se referir à necessidade de renovar constantemente nossos processos, mesmo diante das crises.

Em relação ao ciclo vital, alguns terapeutas têm clara a importância de pesquisar em que momento do desenvolvimento seus pacientes se encontram antes de utilizarem rituais, aqui é importante ressaltar o cuidado com o uso indiscriminado do ritual, pois pode perder o sentido para o processo terapêutico, assim como banalizar a técnica.

A técnica não pode superar a pessoa do terapeuta, assim como ela não deve deixar para segundo plano a real necessidade do paciente (família). Quando o terapeuta é ainda, um aprendiz, ao tomar contato com a técnica, aplica em todos os pacientes para testar a eficácia, esquecendo-se de que cada pessoa tem suas particularidades e anseios.

Quanto às mudanças no processo terapêutico pelo uso do ritual, os relatos dos terapeutas entrevistados, confirmaram que existe uma melhora nas queixas e crises apresentadas pelas pessoas, que acontece uma compreensão e melhor aceitação do problema, pois não estamos apenas tentando varrer os sintomas para 'debaixo do tapete', ao prescrevermos um rito, também estamos exercitando um ato de 'fé', acreditando na capacidade de mudança da família,

nos seus recursos e também nos nossos próprios. Os ritos carregam por si próprios, um toque mágico e divino, provenientes de sua origem e utilização na história da humanidade. Percebe-se que o homem sempre buscou ritualizar, organizando-se de forma a ser reconhecido e confirmado na sociedade.

Através da pesquisa pode-se levantar a hipótese, que talvez tenham faltado rituais no cotidiano dos pacientes, ou se ocorreram, não foram aproveitados de maneira suficiente, pois as pessoas acostumam a participar de rotinas, sem refletir qual o efeito disso na sua vida. O terapeuta que sabe aliar a uma boa escuta, sua criatividade e arrisca-se a embarcar no universo de seus pacientes; tem prazer em criar rituais. Brinda os indivíduos atendidos e a si próprio com um baú carregado de símbolos, afetos e novas narrativas, repletas de esperanças.

Com certeza trabalhar com vidas é uma responsabilidade, pois embora, ninguém deixe de ultrapassar suas etapas no ciclo vital; observa-se que os rituais que possibilitam expressar raiva, medo e mágoas, são fundamentais para etapa seguinte, que é a do perdão e reconciliação com a vida e consigo mesmo.

Além disso, percebe-se um interesse especial dos terapeutas, que se movem com mais determinação para proporcionar a transição, em determinadas etapas do ciclo vital dos seus pacientes; quando culmina com aquisições no seu próprio ciclo vital. Isto lembra, algumas situações ocorridas na minha prática profissional; na época que mais recebi famílias com crianças para atender, trabalhei com pais a retirada de bico dos seus filhos. Neste momento também estava vivenciando esta situação com meu filho. Em outro momento, as crianças que chegavam estavam com sintomas na aprendizagem, em especial na alfabetização, pois adivinhem: meu filho estava com dificuldades de se alfabetizar. Como fala um colega : “ Deus

olha para ti, a tua situação e agenda o paciente de acordo com ela.” É Deus agenda realmente, nos dá uma chance de crescer e aprender.

Estamos em constante movimento, nossas famílias de origem contribuíram para nossa resiliência, seja através de acertos ou erros, se estamos aqui é porque alguém nos desafiou.

Aqui tento concluir mais um ritual de passagem, acredito que vivenciei a etapa de separação: dias frios de julho de muito estudo, chimarrão e violão; assim como dias quentes e cheios de mosquitos e idéias, nos meses de janeiro na faculdade. Os outros meses foram de margem, na realização dos trabalhos à distância, nas trocas de e-mails com colegas e professores. Tudo isso para concluir o período de agregação, o objetivo da formatura : tornar-me um profissional mais qualificado e preparado. Fico feliz porque através da convivência, tornei-me na verdade mais humana, alcançando a essência do processo, que não termina, mas continua em constante renovação.

“ Nada do que foi será de novo do jeito que já foi um dia

Tudo passa, tudo sempre passará...A vida vem em ondas

Como o mar, num indo e vindo infinito....” (Lulu Santos)

REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA, Tânia. **A Nossa Casa:** Uma sessão estruturada na terapia de família. In: CRUZ, Helena (Org). **Papai, Mamãe, Você e eu?** Conversações Terapêuticas em Famílias com Crianças. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
2. ANDOLFI, Maurizio (Org). **A crise do Casal:** uma perspectiva sistêmico-relacional. Porto Alegre: Artmed, 2002.p.27.
3. BARRETO, Adalberto de Paula. **Terapia comunitária passo a passo.** Fortaleza: Gráfica LCR, 2005.
4. BERTALANFFY, L. **Teoria Geral dos Sistemas.** Rio de Janeiro: Vozes, 1968.
5. CARTER, Betty; McGOLDRICK, Mônica. **As mudanças no Ciclo de Vida Familiar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
6. CERVENY, Maria & BERTHOUD, Cristiana. **Visitando a Família ao longo do Ciclo Vital.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
7. CUNHA, Maria Isabel da. **O professor universitário na transição de paradigmas.** Araraquara/SP: JM Editora, 1998.
8. ELKAIM, MONY. **Panorama das Terapias Familiares.** São Paulo: Summus, 1998.

9. E. IMBER-BLACK, J. Robersts y R. Whiting. **Rituales Terapêuticos y Ritos en la Familia.**In:<http://www.rosset.com.br>. Acesso em 15 de março 2007.
10. FERRARINI, Adriane. **A construção social da terapia:** Uma experiência com Redes sociais e Grupos multifamiliares. Porto Alegre: Metrópole, 1998.
11. FROMA, Walsh. **Fortalecendo a Resiliência Familiar.**São Paulo: Roca, 2005.
12. GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.**Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
13. GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem.**Petrópolis: Vozes, 1978.
14. GIMENO, Adelina. **A Família, o desafio da diversidade.**São Paulo: Instituto Piaget, Coleção Epistemologia e Sociedade, 2003.
15. GOMES, Denise. **Relações entre mitos religiosos e mitos familiares.**In: Grandesso, Marilene (Org).**Terapia e Justiça social: respostas éticas a questões de dor em terapia.**São Paulo: APTF: 2001.
16. GROISMAN, Moisés. **A Família é Deus:** descubra como sua família define quem você é. Rio de Janeiro: Eldorado: Núcleo-Pesquisas, 2000.
17. GRÓISMAN, MOISÉS (ORG). **Além do paraíso: perdas e transformações na família.** Rio de Janeiro: Núcleo Pesquisas, 2003.
18. GROISMAN, Moisés. **Família, Trama e Terapia:** A responsabilidade repartida. Rio de Janeiro: Objetiva, 1991.
19. [http://www.srosset.com.br/textos/rituais na psicoterapia.html](http://www.srosset.com.br/textos/rituais%20na%20psicoterapia.html). Acesso em:21/03/2007.
20. KROM, Marilene.**Os mitos familiares como o sentido na família: Uma leitura instrumental mítica.**In: Grandesso, Marilene (Org). **Terapia e Justiça Social: respostas éticas a questões de dor em terapia.** São Paulo: APTF, 2001.

21. MELILLO, Aldo e Ojeda, Elbio e colaboradores. **Resiliência: Descobrimo as próprias fortalezas**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
22. MELILLO, Aldo et al. **Resiliencia y Subjetividade: los ciclos de vida**. Buenos Aires: Piados, 2004.
23. MIERMONT, Jacques & colaboradores. **Dicionário de Terapias Familiares. Teoria e prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
24. MINUCHIN, SALVADOR. **A cura da Família: histórias de esperança e renovação contadas pela terapia familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
25. MINUCHIN, Salvador. **Famílias: Funcionamento e Tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
26. NEUBURGER, ROBERT. **O Mito Familiar**. São Paulo: Summus, 1999.
27. OLIVEIRA, Vera Barros. **Rituais e Brincadeiras**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
28. RIVIERE, Claude. **Os ritos profanos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
29. VILHENA, Maria Ângela. **Ritos: expressões e propriedades**. São Paulo: Paulinas, 2005.
30. WHITAKER, A. **Dançando com a Família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586r Silva, Ana Neri Nascimento da
Ritos terapêuticos : uma abordagem do sofrimento à
resiliência na terapia familiar / Ana Neri Nascimento da Silva ;
orientador Oneide Bobsin. – São Leopoldo : EST/IEPG, 2007.
77 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia.
Instituto Ecumênico de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia.
São Leopoldo, 2007.

1. Psicoterapia familiar. 2. Ritual – Uso terapêutico.
3. Resiliência (Traço de personalidade). 4. Sofrimento.
I. Bobsin, Oneide. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da Escola Superior de Teologia